

HENRIQUE PEDRO TOJO CORREIA

“PAIXÃO SEMPRE... FANATISMO NUNCA”

A Imparcialidade no Jornalismo Desportivo [Futebol]

Orientador: Prof. Doutor Manuel da Costa Leite

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação**

Lisboa

2015

HENRIQUE PEDRO TOJO CORREIA

“PAIXÃO SEMPRE... FANATISMO NUNCA”

A Imparcialidade no Jornalismo Desportivo [Futebol]

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 10 de março de 2017, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 51/2017, de 30 de janeiro de 2107, com a seguinte composição:

Presidente:

Prof. Doutor Jorge Correia Jesuíno

Arguente:

Profª Doutora Carla Agostinho Martins

Orientador:

Prof. Doutor Manuel Costa Leite

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação

Lisboa

2015

DEDICATÓRIA

“Tenho em mim todos os sonhos do mundo”

Fernando Pessoa

Em poucas palavras, dedico a minha Tese aos meus pais, ao meu irmão, à minha filha e à minha namorada.

Em especial a minha Tese é dedicada a duas pessoas da minha família, à minha avó que já faleceu e à minha filha que nasceu recentemente.

Dedico á minha querida avô, porque sempre foi uma pessoa que me ajudou bastante no meu desenvolvimento como pessoa e antes de falecer disse-me que gostaria de me ver como Mestre.

Por outro lado, dedico à minha filha porque é alguém por quem tenho uma afeição incomensurável e que me dá forças para lutar no meu dia-a-dia.

AGRADECIMENTOS

O pouco espaço desta secção não me permite agradecer a todas as pessoas que me acompanharam ao longo do meu Mestrado em Comunicação nas Organizações. No entanto deixo algumas palavras de agradecimento.

Ao *Director do Mestrado* em Comunicação nas Organizações, *Professor Doutor Jorge Bruno Ventura* agradeço a oportunidade e confiança que me transmitiu ao longo do Mestrado, bem como, na Licenciatura em Ciências da Comunicação e da Cultura, vertente Jornalismo.

Ao *Professor Doutor Manuel Costa Leite*, o meu forte agradecimento por toda a orientação e apoio que me deu ao longo de todo o meu trabalho. Agradeço também a total disponibilidade que teve para comigo, enriquecendo a minha formação académica e científica. O seu apoio foi bastante importante para a elaboração desta Tese de Mestrado.

Os Estágios na Rádio Renascença e no Correio da Manhã, ambos no Departamento de Desporto, ajudaram-me no enriquecimento de ideias acerca da “Imparcialidade no Jornalismo Desportivo”, bem como no apuramento de várias técnicas e critérios para saber e avaliar como conseguir ser imparcial na profissão de Jornalista.

Aos *Meus Amigos e Família*, em especial aos *Meus Pais*, ao *Meu Irmão* e aos *Meus Avós* por toda a força, apoio e companheirismo.

RESUMO:

A presente Dissertação pretende analisar o problema da Imparcialidade no Jornalismo Desportivo, designadamente no caso do Futebol, através da apresentação de casos e da percepção da imparcialidade jornalística desportiva.

Procede-se a uma primeira abordagem do conceito geral de Imparcialidade, numa segunda instância procede-se a uma abordagem do conceito de Imparcialidade no Jornalismo, e numa terceira instância no Jornalismo Desportivo, em particular no Futebol.

Procede-se depois, à enunciação e comentário de casos reais ocorridos em Portugal.

E procedeu-se finalmente à recolha de opiniões profissionais e opiniões de leitores, sobre Imparcialidade nos Jornais, opiniões tratadas e avaliadas.

PALAVRAS-CHAVE:

Imparcialidade, Jornalismo, Jornalismo Desportivo, Futebol, Adepto

ABSTRACT:

The present Dissertation addresses the subject of Impartiality in Journalism, particularly on the Sports Journalism and most particularly in Football.

Impartiality it is firstly addressed philosophically and in its general common sense use, then Impartiality in Journalism is addressed and in a 3rd instance approach within Sports Journalism – particularly focused in Football cases.

The Dissertation will finally deals with a meta level perception Impartiality in Journalism, with the methodological support of questionnaires submitted to Sport Journalist professionals and common readers.

Some conclusions presumed to be legitimate are then drawn from the whole of the dissertation research.

KEYWORDS:

Impartiality, Journalism, Sports Journalism, Football, Fan

Índice Geral

DEDICATÓRIA.....	3
AGRADECIMENTOS	4
RESUMO:	5
ABSTRACT:	6
Índice Geral	7
INTRODUÇÃO.....	8
O PROBLEMA OBJETIVOS e METODOLOGIA	9
ESTRUTURA da DISERTAÇÃO.....	12
Capítulo 1 Da Imparcialidade ao Jornalismo Desportivo.....	15
IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo.....	20
PARCIALIDADE ou IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo	22
COMO GERIR a IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo	24
O CASO PARTICULAR do FUTEBOL	28
Importância do CÓDIGO DEONTOLÓGICO	33
Capítulo 2 Imparcialidade no JD Futebol – Casos	41
Caso 01. A polémica JOÃO GOVERN	42
Caso 02. RECORD	43
Caso 03. Caso Cerveja SAGRES – RUI PATRÍCIO	45
LÓGICA do ADEPTO. Um Exercício informal de Lógica.....	46
Capítulo 3 Recolha de Opiniões Profissionais e de Leitores - Resultados.....	52
O Ponto de Vista dos PROFISSIONAIS	53
O Ponto de Vista dos LEITORES.....	55
CONCLUSÕES	61
BIBLIOGRAFIA	65
ÍNDICE REMISSIVO	69
APÊNDICES	77
ANEXOS.....	79

INTRODUÇÃO

*Mais vale a lágrima da derrota,
do que não ter lutado*
Bob Marley

A presente dissertação foi elaborada no âmbito do Mestrado em Comunicação nas Organizações, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Este trabalho pretende dar a conhecer qual o verdadeiro papel e importância da Imparcialidade na actividade do jornalista, primeiramente no jornalismo em geral e posteriormente no desporto, principalmente, o Futebol.

Foram estabelecidos os seguintes objectivos de trabalho: Apresentação da importância do Código deontológico do jornalista, a importância da imparcialidade tanto no jornalismo, como no jornalismo desportivo, bem como, a apresentação de vários casos onde não tenha existido imparcialidade por parte dos jornalistas.

Considerando a natureza da dissertação, a abordagem metodológica seguida para a sua elaboração, foi a realização duas versões de questionários, ou seja, para a população em geral e para jornalistas que estejam a exercer a função, com a finalidade de recolher informação necessária ao desenvolvimento da dissertação.

O PROBLEMA OBJETIVOS e METODOLOGIA

Como no conceito das *Definições Ostensivas* (*ostensive definitions*) vamos recorrer à enunciação de alguns casos e assim “ostensivamente” introduzir o problema...

Procedemos da seguinte forma: recolhemos, informalmente quase ao acaso 09 asserções, pontos de vista, como se fossem casos emergentes do nosso quotidiano, desde as conversas entre amigos, a debates televisivos ou a crónicas em jornais desportivos.

Tomemos então em consideração, como uma amostra para despoletar o debate – ou a nossa investigação neste trabalho – os seguintes casos ingredientes de imparcialidade:

- “O comentador Luís Freitas Lobo e Pedro Henriques descrevem porventura os acontecimentos como eles acontecem, mas muitas vezes apelam ao comentário emocional em abuso e técnico.”
- Carlos Queiroz depois do Mundial teve sempre a imprensa a culpá-lo no caso de controlo anti-doping.
- Alguém terá sustentado que “A Benfica TV nos comentários durante os jogos do Benfica crucifica, muitas vezes os árbitros, dizendo que os mesmos prejudicam o Benfica.”
- Jornalista e Comentador não são a mesma coisa.
- “O falecido Jorge Perestrelo e o João Ricardo Pateiro, que escreve músicas e depois canta-as quando um jogador marca, são dois exemplos de jornalistas da Rádio que confessaram a sua cor clubista, mas que relatam todos os jogos com isenção.”
- Dois formatos de comentadores: Adepto e o Imparcial
- Caso Record, a Tabela Classificativa é neste jornal *sui generis*
- O X Congresso-de-Futebol: Jornalistas-desportivos-e-as-fintas-fora-de-campo
- Caso Sagres – Rui Patrício

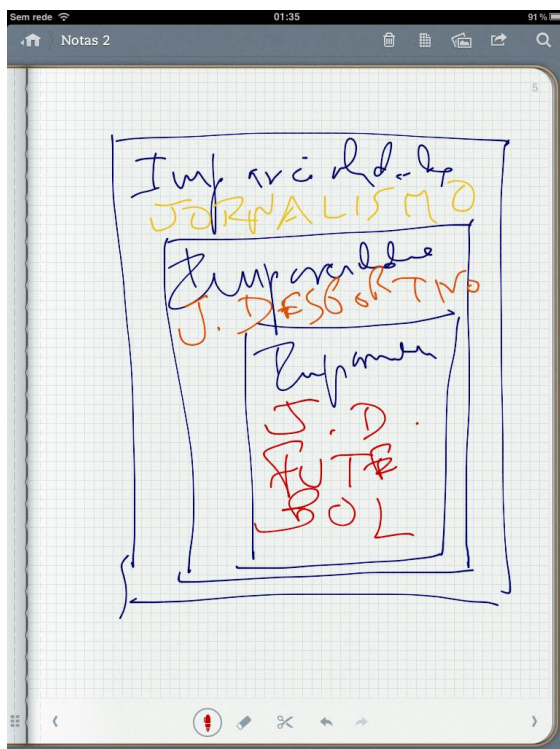
Estes casos nem sempre poderão ser considerados atentatórios da isenção ou imparcialidade; mas todos introduzem ingredientes de um *cozinhado* polémico, um caldo de polemicidade onde o problema da *Imparcialidade* se inscreve. Ou seja, basta ler este conjunto de nove ingredientes (poderiam ser mais ou menos, foi um acto, uma decisão descritiva nossa) para mergulharmos imediatamente no universo das dificuldades em entender e gerir o problema da Imparcialidade no Jornalismo Desportivo – Futebol em particular. Entreve-se de imediato o extremo grau de dificuldade em lidar com o nosso problema central.

O PROBLEMA

Numa primeira formulação do Problema concebemos logo quatro níveis lógicos, quatro universos semânticos distintos mas em subordinação sucessiva como numa hierarquia conceptual, em super-conjuntos.

O epicentro semântico das nossas preocupações era o Problema da Imparcialidade (mais precisamente da Parcialidade / Imparcialidade) nos Eventos, Programas e Coberturas Jornalísticas de Futebol (e até muito circunscritamente focado no caso português).

Subindo do menos geral para o mais geral, do problema da Imparcialidade no Jornalismo Desportivo - [Especialidade] Futebol, para o Jornalismo Desportivo em geral, deste para o Jornalismo (em geral) e deste para o Problema da Imparcialidade em geral. No pico desta pirâmide tínhamos portanto o Problema de entender, equacionar a Parcialidade / Imparcialidade em geral e isso remeteu-nos logo para o problema do uso destes termos (e respectivos conceitos) quer no uso geral, quotidiano, de senso comum; quer em termos intelectualmente mais sistemáticos, nas suas asserções filosóficas. Por isso começámos por nos guiar pela excelente referencia - academicamente reconhecida - da SEP - Stanford Encyclopedia of Philosophy, justamente apoiados na Entrada *Imparciality*.



Conversamente, do superconjunto geral *Parcialidade / Imoarcialidade* podemos progredir para o progressivamente menos geral *Parcialidade / Imparcialidade no Jornalismo, Parcialidade / Imoarcialidade no Jornalismo Desportivo*, até finalmente o nosso objectivo específico *Parcialidade./ Imparcialidade no Jornalismo Desportivo - [modalidade] Futebol*.

Pela mão de excelência da SEP, constatámos e aqui fica o registo desse testemunho, que o termo e sobretudo o conceito de Imparcialidade deve asserções filosóficas relevantes a Aristóteles, Hume, Kant, Stuart Mill, Rawls... e correlações com Moralidade, Justiça, Deontologia, Contratualização Social, Indiferença, Liberalismo, ...

Veremos, já num contexto jornalístico [BBC por exemplo] como este problema da imparcialidade e o seu conceito se transmutam para itens e conceitos afins: *objectividade, independência, depois verdade...*

(Cf. [Aitken, 2011], [Aitken, 2013], [Doyle, 2006], [GB House of Lords 2011])

Objectivos e Metodologia de Investigação

Tendo em conta o universo e as respectivas amostras dos trabalhos em causa, tal como foram desenhados e executados, a aproximação metodológica só podia ser qualitativa, homóloga das aproximações metodológicas oriundas da antropologia, da etnologia e, por conseguinte, genericamente das ciências sociais e humanas, quando em número ou em estrutura, se apresentam intratáveis quantitativamente (conforme às exigências das modelações estatísticas).

Inicialmente o Plano de Investigação incluía Estudos de Caso, de um a cinco, conforme os Casos apresentados. Rapidamente porém a Investigação comprovou a escassez de dados recolhíveis para cada Caso, pelo que tivemos de abandonar a aproximação metodológica aos Estudos de Caso, mantendo todavia uma aproximação qualitativa mista, qualitativa *stricto sensu* e quantitativa recorrendo a Questionários simples devidamente avaliados.

ESTRUTURA da DISSERTAÇÃO

A Dissertação estrutura-se à volta de seis momentos:

01. Uma secção de Introdução, na qual se apresentam ou anunciam as ideias base, os conceitos base, as motivações gerais e a metodologia, de forma sumária.
02. Um 1º Capítulo, no qual se fazem três aproximações sucessivas, de um zoom analítico ao conceito de Imparcialidade. Imparcialidade filosófica e em geral; imparcialidade no jornalismo; e imparcialidade no jornalismo desportivo, com especial enfoque na modalidade Futebol.
03. Um 2º Capítulo, no qual se apresentam casos e se faz um exercício informal sobre uma presumível Lógica de Adepto
04. Um 3º Capítulo, no qual se faz a recolha de Opiniões, de Jornalistas Profissionais e de Leitores, através de Questionários; e no qual se fazem as análises e avaliação dos resultados.
05. Uma secção de Conclusões, onde se inscrevem observações prospectivas, sobretudo com base nos desenvolvimentos tecnológicos emergentes.

As restantes peças componentes da Dissertação obedecem aos requisitos formais da normatividade académica. São assim a Dedicatória e Agradecimentos, Sumário, Abstract, Índice, Lista de Siglas e Acrónimos, Bibliografia e Webgrafia, Índice Remissivo, Apêndices e Anexos.

O JORNALISMO DESPORTIVO EM PORTUGAL

Em Portugal, o primeiro órgão de comunicação dedicado especificamente ligado ao desporto surgiu no ano de 1902. O seu nome era “o Sport” e na primeira edição o editorial ditava algumas das suas linhas principais que davam a conhecer o que se passava no mundo desportivo bem como a sua imparcialidade.

A primeira edição tinha na capa uma gravura de um jogo de futebol realizado entre o Carcavelos e o Real Ginásio Clube Português.

O jornalismo desportivo em Portugal, hoje em dia, não é diferente do praticado no resto da Europa. Em Portugal, o futebol é considerado o desporto rei e o mais destacado

pelos meios de comunicação social, porque é um tipo de jornalismo que interessa a população em geral pelo contágio que a paixão do futebol cria nas pessoas.

Hoje em dia, para se ser jornalista desportivo é necessário ter algumas características específicas.

Segundo Silva. J, “Ser jornalista desportivo em Portugal, é ser “um camaleão” onde tem que se adaptar ao evento que está a cobrir de forma a realizar o melhor trabalho possível. Enquanto num jogo internacional, o jornalista pode adoptar uma posição mais “nacionalista” perante a equipa portuguesa, numa transmissão de um jogo nacional, o jornalista seria criticado se assumisse algo para além de uma posição neutra. Outro factor que condiciona o jornalismo desportivo em Portugal é o poder dos clubes, que utilizam tudo para poderem obter lucros. Um jornalista só pode entrevistar um jogador com a autorização do clube e sob algumas condicionantes: é o clube que escolhe o local e a hora”.

No jornalismo desportivo não basta escrever bem, tem que se saber fazer uma análise correta de um jogo. A formação dos jornalistas, em grande parte, é alicerçada por uma licenciatura na área da comunicação hoje em dia. É necessário saber escrever bem, pois existem bastantes leitores, principalmente no online. Actualmente, os leitores não têm tempo para ler tudo, e o online tenta resolver esse problema mostrando a notícia de forma clara, correta e concisa. Em poucas palavras, o jornalista desportivo tem de ser capaz de dizer o que aconteceu

Conforme Silva. J, O “jornalismo desportivo é uma especialização da área da imprensa que trata o tema desporto, informando tudo sobre o assunto e os seus desdobramentos. E a essência não muda. O profissional tem a incumbência de informar ao público, de forma imparcial e com ética, o que acontece no mundo desportivo”.

O jornalismo desportivo que se faz hoje em dia nos meios de comunicação em Portugal (televisões, rádios e jornais) cada vez mais dá a conhecer que o futebol é o desporto rei. A comunicação social mostra o que se passa no estádio, não precisando o adepto de se deslocar ao recinto para se inteirar do seu clube.

Segundo Silva. J, para ser um bom jornalista desportivo é necessário possuir duas características (1º ser um bom jornalista, respeitando o Código Deontológico e 2º possuir alguns conhecimentos de desportivos). Para ser um bom jornalista desportivo, não é preciso perceber tanto de futebol como o treinador português, José Mourinho, mas sim fazer um bom trabalho e exercer a profissão de jornalista com todo o rigor.

Para se entender o Jornalismo desportivo é necessário ter em conta que em Portugal, tal como no resto do mundo, este tipo de jornalismo refere-se essencialmente por dar notícias sobre futebol. Exemplo disso é a diferenciação que existe na página Web do jornal “Diário de Notícias”, entre futebol e “outras modalidades”.

Actualmente, a grande referência em termos de jornais desportivos é o jornal “A Bola”, o mais antigo em actividade no país.

O jornal “A Bola” foi fundando no ano de 1945 tendo a sua primeira edição sido publicada no dia 2 de Janeiro.

Segundo Ferreira. B, “o jornal A bola é um diário desportivo interveniente em várias iniciativas e que trata todos os aspectos desportivos com grande ambição e por onde passaram, desde Janeiro de 1945, alguns dos maiores nomes de Portugal”.

No dia 26 de Novembro de 1949, surge o jornal “Record”, tendo desde logo procurado – apesar da posição dominante do futebol nas suas colunas – dar cobertura às restantes modalidades desportivas.

Trinta e seis anos depois, ou seja, no ano de 1985, surge o jornal “O Jogo”, que veio ocupar o espaço do diário “O Norte Desportivo”. O jornal “O Jogo” tem uma particularidade, ou seja, é o único jornal em Portugal, que possui mais que uma versão, mais propriamente uma versão para o norte e outra para o sul.

A existência de três jornais desportivos em Portugal, leva a que o nosso país esteja dentro dos padrões europeus, ou seja, manter a população portuguesa bem informada sobre o desporto que é considerado “rei” em Portugal, o Futebol.

Capítulo 1 Da Imparcialidade ao Jornalismo Desportivo

Método de Aproximação em 03 tempos:

- (01) Imparcialidade em geral,
- (02) Imparcialidade do Jornalismo,
- (03) Imparcialidade no Jornalismo Desportivo

O nosso propósito de chegada é tratar a questão da Imparcialidade no Jornalismo Desportivo e, até mais em particular, no Jornalismo Desportivo aplicado ao Futebol; mas o conceito de Imparcialidade é um conceito de uso geral, muitíssimo amplo, e que por isso nos deve merecer uma análise prévia, enquadrante do nosso tema específico. Para uma primeira abordagem, geral portanto, ao conceito de Imparcialidade, recorremos a um excelente guia académico universitário de introdução, de grande amplitude e profundidade teóricas – o artigo *Impartiality*, da reconhecidíssima SEP (Stanford Encyclopaedia of Philosophy).

Segundo a “Stanford Encyclopedia of Philosophy” hoje em dia é fácil associar o termo da imparcialidade a algo moralmente positivo.

No entanto pode-se verificar que existem vários tipos de comportamentos que descrevem a Imparcialidade e que não estão estreitamente ligados com a moralidade.

Conforme a “Stanford Encyclopedia of Philosophy”, podemos verificar que diferentes tipos de imparcialidade podem conter dentro de si, questões imorais ou morais. É nos dado o seguinte exemplo: “Se eu decidir passar uma herança para um dos meus filhos e se essa decisão for feita através do lançamento de uma moeda ao ar para verificar qual dos dois vai ficar com a herança, este acto vai constituir um tipo de Imparcialidade. Supondo que eu já tinha prometido a herança a um dos meus filhos o acto lançar a moeda ao ar está incorrecto”. Então a decisão de lançar a moeda ao ar será considerado um procedimento imparcial mas ao mesmo tempo está aqui presente um tipo de Imparcialidade errado, pois foi ignorado a obrigação moral criada anteriormente ao meu filho através do que eu lhe tinha prometido.

O termo Imparcialidade é provavelmente o termo que mais está ligado a situações negativas do que positivas. No entanto, uma escolha imparcial é simplesmente uma determinada consideração sem qualquer tipo de influência.

Assim e segundo o autor Bernard Gert é necessário distinguir vários tipos de Imparcialidade. Esta distinção é necessária uma vez que o mesmo agente pode manifestar vários tipos de parcialidade e Imparcialidade relativamente a vários tipos de pessoas.

Esta afirmação pode verificar-se por exemplo numa situação em que uma professora universitária é mãe de cinco crianças e que está como membro de um comité para a contratação de novos alunos. Esta mãe terá que ser de certa forma imparcial na escolha dos futuros alunos para essa universidade (nunca preferindo os seus filhos relativamente aos outros), tendo que ser imparcial com todos os candidatos. Nesta situação é clara a utilização do termo Imparcialidade para duas diferentes práticas.

Neste caso podemos focar a ideia de mérito numa das situações, pois para se ser imparcial entre os alunos candidatos, estes devem ser seleccionados pelo seu mérito.

Assim verifica-se que uma escolha imparcial é aquela que está livre de preconceitos ou de prejuízo, ou seja requer uma determinada quantidade de moralidade ou pelo menos uma aprovação moral.

Segundo Young a verdadeira Imparcialidade é uma ilusão pois os defensores da Imparcialidade estão sujeitos segundo o autor às suas próprias posições murais e preconceitos sobre o pretexto de tentarem chegar à Neutralidade.

Rawls por sua vez usa o conceito do “véu da ignorância”, que exclui a informação moralmente relevante colocando os agentes em desvantagem. No entanto este conceito foi criticado por Thomas Nagel, com base na falta de conhecimento que os agentes apresentam nas suas concepções do bem.

Nagel afirma mesmo através da sua tese “The original position”, que a tese do “véu da ignorância”, “parece pressupor não apenas uma teoria neutral do bem, mas uma concepção liberal, individualista, segundo a qual o melhor que pode ser desejado por alguém é a perseguição sem entraves do seu próprio caminho, desde que não interfira com os direitos dos outros”.

Tal concepção, é realizada, claramente de modo a favorecer algumas concepções do bem sobre os outros: em particular, as concepções atómicas, individualistas, que têm como foco a realização pessoal (constituída, talvez, através da aquisição de bens de

consumo) são privilegiadas sobre ideais mais comuns ou sociais que se concentram em solidariedade e mútua interacção entre pessoas.

Críticos feministas têm prestado uma atenção particular para as maneiras pelas quais concepções liberais de neutralidade e imparcialidade pressupõem e reforçam as abordagens tradicionais de dominação masculina, individualistas à teoria moral, fazendo assim reforçar o *status quo* social dos mesmos.

Como Benhabib observou, as “teorias morais universais na tradição ocidental de Hobbes até Rawls são substituíveis, no sentido que este universalismo que eles defendem é definido sub-repticiamente através das experiências de um grupo específico de indivíduos como o caso paradigmático do ser humano como tal”.

Como resultado, as posições sociais dominantes de tais partes tendem a ser protegidas e ainda reforçadas nas teorias sociais e políticas resultantes de tais teorias liberais supostamente neutras.

O problema da neutralidade é uma temática que causa alguma pressão nos liberais: dada a importância que é para eles no seu pensamento, um governo imparcial deve ser neutro entre várias outras concepções morais (deve-se, respeitar o que Rawls chama de “The fact of pluralismo”), é essencial assim mostrar que a imparcialidade liberal não é simplesmente outra concepção moral, mas sim a correcta.

Assim o ponto de vista liberal relativamente à imparcialidade, deve tornar-se um quadro que pode ser acordado por todas as partes relevantes, mesmo que estas continuem a discordar sobre questões substantivas morais.

Como é que os liberais lidam com esta situação? Nagel (1987) concorda com o que ele chama de “retenção epistemológica”. Nagel defende mesmo que qualquer indivíduo detém certas crenças, valores para ter a capacidade de decisão relativamente a questões de ordem pública. Tais crenças, estão segundo o autor estreitamente ligadas à religião ou a questões morais, e estas tendem a ser vistas de forma diferente, ou seja, por dentro (são vistas como uma autoridade perfeita), do que do lado de fora (são consideradas como questionáveis).

No entanto, Barry (1995) e Raz (1990) têm questionado tal afirmação, pois estes explicam que talvez as dúvidas exteriores que são muitas vezes colocadas, podem afectar os nossos pontos de vista do ponto interno, o que iria restringir a autoridade interna dessas crenças.

Relativamente à temática da Justiça e da existência de uma imparcialidade consequencialista o artigo “Stanford Encyclopedia of Philosophy” afirma que a

Imparcialidade consequencialista é muito exigente bem como muito permissiva. Uma vez que o consequencialismo faz com que a permissibilidade de uma acção seja inteiramente dependente do valor das consequências dessa acção, conclui-se que, não há nenhum tipo de acção que pode ser permitida por motivos consequencialistas.

Assim, casos de tortura, roubo, assassinato premeditado e outras violações dos direitos humanos fundamentais são, pelo menos potencialmente justificáveis numa base consequencialista. Tal acção não pode ser descartada, moralmente falando, até o valor comparativo dos assuntos ser determinado.

Pode-se afirmar que os exemplos anteriores, não é negar que o consequencialismo é uma teoria moralmente imparcial, mas bastante forte para sugerir que incorpora o tipo errado de Imparcialidade. Supondo por exemplo que um homem deve ser condenado e punido por um crime que não cometeu, a fim de impedir os tumultos públicos (McCloskey 1963). Esta acção de acordo com intuições comuns, constituiria uma violação grosseira da justiça. Neste caso o sistema judicial age ao impor punições de acordo com o grau de culpa e não de acordo com o valor esperado pela sociedade de acordo com as consequências do caso em questão.

Os métodos utilizados na abordagem a este caso e outros, constituem formas de decisão imparcial, mas isso não significa que tenham que ser moralmente aceitáveis.

A resposta a estas decisões judiciais (imparciais ou não) que acontecem muitas vezes nos dias que correm, têm como objecção a ideia utilitarista de Mill (1861/1992), onde este autor defende que todas as justificações devem ter como finalidade a utilidade para a sociedade, isto significa que para Mill a justiça serve para proteger os interesses de cada um. No entanto este afirma também que tal situação só será possível se esse mesmo sistema de justiça for governado sobre princípios de justiça, de forma a existir imparcialidade. Princípios esses que estão hoje em dia muito presentes no nosso dia-a-dia, nomeadamente, o princípio que só os culpados devem ser punidos, e que a punição deve ser proporcional ao crime.

Esta ideia de Mill está também presente por exemplo no jornalismo desportivo aquando, em 2011 o jogador italiano Simone Farina foi o verdadeiro herói italiano, ao denunciar em tribunal a rejeição uma grande quantia de dinheiro para manipular a sua equipa. Desta denuncia partiu uma investigação que proporcionou a descoberta de uma rede que manipulava resultados com a colaboração de alguns jogadores para conseguir lucros nas apostas.

O grande desafio para Mill e para outros consequencialistas, surge nos casos particulares em que falha a coincidência.

Para Mill existem duas estratégias de defesa para os consequencialista que devem ser empregues.

A primeira estratégia baseia-se no facto de existirem boas razões consequencialistas por ser o agente que respeita os ditames da justiça, mesmo nos casos em que a coincidência entre as exigências da justiça e dos consequencialista falhe (Pettit 1997; cf. Railton 1986).

A segunda estratégia admite que há casos em que as acções injustas podem ter uma justificação consequencialista, sendo que justiça deve sempre dar prioridade à exigências do Consequencialismo (Smart 1973; Kagan 1989; Pettit 1997).

A profundidade e a força das nossas intuições comuns sobre as exigências da justiça, é uma questão que se debate diariamente.

IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo

Conforme o artigo relativo á imparcialidade de Stanford Encyclopedia of Philosophy e sobre tudo o que rodeia este conceito, muitos filósofos tratam o conceito da imparcialidade como algo ligado ao conceito de moral. Assim o conceito de imparcialidade no seu sentido mais amplo pode ser entendido como uma noção formal. O conceito de imparcialidade acarreta em si comportamentos que podem ser descritos como imparciais, mas que muitas vezes podem ter pouco ou nada a ver com a moralidade.

Segundo Grando, o adjectivo de imparcialidade diz respeito aquele que é imparcial, ou seja face a uma determinada situação, uma pessoa imparcial é aquela que faz as suas opções não favorecendo outra em detrimento de terceiros. Assim ser-se imparcial é a antítese de parcial.

Assim no jornalismo de uma forma geral tem que se ter em conta que a pessoa que faz por exemplo uma determinada reportagem, está condicionada à partida por valores adquiridos na sua formação, valores esses que podem ser culturais, religiosos, entre outros. Esses mesmos valores vão moldar a forma como este aborda e vê a realidade, condicionando muitas vezes a sua imparcialidade.

Conforme Ladeira, M., hoje em dia a imparcialidade jornalística é muitas vezes deturpada, uma vez que cada meio de comunicação (jornais) pretendem muitas vezes obter a maior audiência possível, e deste modo não “conseguem” garantir uma verdade absoluta dos factos.

Neste sentido a linguagem jornalista é muitas vezes vista como tendo três funções: a de comunicar com os outros; expressar as nossas opiniões e assim poder dar a conhecer o “mundo” que está presente no nosso pensamento.

Outros dos aspectos a salientar e tendo em conta o artigo de Ladeira, M., é que objectivamente hoje em dia o que veio por um lado facilitar as pessoas (jornais digitais), por outro lado veio dar menos credibilidade às notícias publicadas, fazendo aumentar a falta de imparcialidade bem como “contaminar” a objectividade das notícias que são dadas ao publico em geral.

Deve então o jornalista ter mais atenção aquando da redacção das suas notícias, de modo a haver rigor e objectividade para que o conceito de imparcialidade não seja

deturpado, pois tudo o que seja feito sobre pressão pode levar a que preconceitos, valores e costumes venham a se sobressair em relação á verdade dos acontecimentos.

{Objectividade Independência BBC &...}

PARCIALIDADE ou IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo

Para Manuel Fernandes Silva, jornalista da RTP na área do desporto, actualmente é complicado falar sobre a área de jornalismo desportivo, pois este vive muito das emoções. Para Manuel Silva o jornalismo desportivo deve ocupar a sua posição como qualquer outra área do jornalismo.

Relativamente à existência ou não da parcialidade no jornalismo desportivo e segundo Manuel Silva, esta é difícil de atingir apesar do grande esforço por parte dos jornalistas desportivos portugueses, onde estes “falam, escrevem e respiram futebol”, sendo muitas vezes complicado de controlar emoções. O melhor exemplo, e como já referido é o futebol, onde os jornalistas têm que controlar as suas paixões futebolísticas principalmente no que se refere aos clubes. O jornalista desportivo não pode permitir que as emoções prejudiquem o seu trabalho, de modo a salvaguardar a sua ética profissional.

É de referir que normalmente o trabalho dos jornalistas desportivos são mais vigiados, pois é exigido maior rigor e isenção no trabalho que é produzido, e portanto têm que estar mais atentos a interpretações posteriores. No jornalismo desportivo há como que uma comunhão com a sociedade onde estão inseridos, uma vez que a maioria das sociedades vivem muito o desporto futebol. Assim este tipo de jornalismo é muito permeável a comentários e opiniões dos chamados “treinadores de bancada”, o que requer por parte do jornalista desportivo maior atenção para os pormenores. Toda a gente fala sobre futebol.

No jornalismo desportivo a questão da imparcialidade é muito debatida, mas muitas vezes também confundida com o conceito de opinião. Assim o princípio da imparcialidade sugere que não se deve tomar partido favorável a um determinado acontecimento. Isto significa que o jornalista ao apurar um facto e redigir sobre o mesmo deve ser imparcial e objectivo, sem tomar qualquer partido.

No que diz respeito ao jornalismo desportivo para este “não tomar partido” ou ser imparcial há uma excepção. Essa excepção diz respeito aos relatos desportivos, onde na narração deste tipo de eventos, tanto na rádio como na televisão há espaço para sensações, emoções e até opiniões. Isto significa que o jornalista desportivo, mesmo sem dar a sua opinião, tenta transmitir sensações que vão para além do trabalho jornalístico comum. Este facto está muito presente aquando de uma transmissão de uma

partida de futebol na rádio ou mesmo na televisão onde o locutor tenta levar o ouvinte até ao estádio, transmitindo sensações de velocidade, esforço, dedicação e polémica nos vários períodos do jogo. Assim a transmissão efectuada por um jornalista desportivo vai para além do simples transmitir de informação, mas sim também permitir a comunhão do ouvinte com as sensações que se vivem ao vivo no estádio. A auxiliar o jornalista desportivo está o repórter de pista que faz um trabalho próximo do relvado transmitindo ao público o que a televisão não consegue mostrar.

Podemos então concluir que esta dose de emoção dá habitualmente ao jornalista desportivo a possibilidade de, sem perder isenção, elaborar a seu jeito uma determinada notícia, usando a oralidade ou a ortografia

{ BBC Brasil &...}

COMO GERIR a IMPARCIALIDADE no Jornalismo Desportivo

No jornalismo desportivo a observação do universo da informação desportiva, seja nos jornais, na transmissão de acontecimentos desportivos, quer na televisão, quer na rádio, é bastante importante e demonstra que existem diversas formas dos jornalistas e comentadores desportivos posicionarem-se na sociedade, bem como no mundo do desporto. A constante competição desportiva que existe entre clubes, nações, cidades ou mesmo em locais das próprias cidades leva a que o jornalista desportivo tenha diferentes formas de abordar as diferentes temáticas desportivas dentro destes locais.

A imparcialidade no jornalismo desportivo é gerida de forma bastante peculiar, pois depende muito do evento que está a decorrer. Isto significa por exemplo quando é uma causa nacional, por exemplo aquando de um jogo de futebol onde a Selecção Nacional é a protagonista a parcialidade e a naturalidade tomam “conta” do jornalista desportivo. Todo o discurso do jornalista desportivo é virado para o conjunto através de expressões como “nossos jogadores” , a “nossa selecção”, passando a mensagem de favoritismo, tornando-se mais um adepto entre milhares portugueses. Na imprensa desportiva, os jornalistas invocam os jogadores da selecção portuguesa como verdadeiros heróis nacionais, que espalham a paixão de ser português pelos quatro cantos do mundo e colocar Portugal nos grandes palcos internacionais. Os jornalistas desportivos têm sempre a tendência de defender e honrar o nome de Portugal, sendo mais importante do que qualquer competição onde estes estejam envolvidos. Através desta vontade de querer sempre defender os interesses nacionais, os jornalistas desportivos procuram também a unidade nacional à volta da selecção nacional, “a selecção de todos nós”.

Por outro lado a gestão da imparcialidade é mais complicada aquando de eventos desportivos em que não está envolvida a selecção nacional. Nestas situações há uma clara tomada de partido e obvia representação a favor de um determinado clube. No entanto é sempre procurada a imparcialidade, acabando por ser um esforço mais ou menos bem sucedido. Quando esta imparcialidade é notada para o lado de um determinado clube, são muitas as críticas que se ouvem no “dia seguinte” pelos “treinadores de bancada”.

Um dos meios mais utilizados pelos jornalistas desportivos para transmitirem a sua opinião e redigirem as notícias do mundo do desporto são os jornais desportivos. Os

jornais desportivos tornaram-se muito superiores a qualquer outro jornal escrito em Portugal, pois a sua visibilidade e popularidade é enorme.

O CONTACTO DO JORNALISTA COM AS FONTES

Hoje em dia, a maioria dos contactos com as fontes é estabelecido via telefónica. Os contactos telefónicos com as fontes são uma constante no dia-a-dia de um jornalista desportivo.

Durante os três meses que estagiei no departamento de desporto da Rádio Renascença, “Bola Branca”, verifiquei várias vezes, que as fontes estavam em capas de arquivo, organizadas por função ou cargo desempenhado e por ordem alfabética para a procura ser mais fácil e concisa.

Esta organização no departamento de desporto da Rádio Renascença impressionou-me, mas também me deu a entender que o enorme número de contactos constitui o principal veículo de interacção com as fontes.

Os contactos estão organizados pelas seguintes categorias: **jogadores, treinadores, empresários, dirigentes, clubes, antigos jogadores e dirigentes, familiares, jornalistas nacionais e internacionais** e outros.

Durante os três meses que estive na redacção de desporto, verifiquei que o alvo mais procurado, mas por vezes os mais difíceis de conseguir contactar e obter declarações eram os jogadores, treinadores e empresários.

Pela experiência vivida na “Bola Branca” a principal fonte, e com quem mantinham mais contacto para depois dar notícias, eram antigos jogadores, treinadores fora da actividade e antigos dirigentes, visto que não possuem nenhuma ligação a qualquer instituição.

Durante o meu estágio na Rádio Renascença tive o privilégio de poder estar em contacto com várias fontes que os jornalistas da redacção possuíam, como jogadores, treinadores e presidentes em actividade. Também me foi permitido assistir a duas conferências de imprensa, uma na Academia do Seixal (Benfica), com o treinador, Jorge Jesus e outra na Academia de Alcochete (Sporting), com o treinador, Leonardo Jardim.

A maioria dos trabalhos são realizados sem sair da redacção, ou seja, dão lugar ao jornalismo de secretária.

Várias vezes os jornalistas não tinham disponibilidade para ir a algumas conferências de imprensa e então o procedimento teria que ser feito de outra forma, ou seja, ouvir outra rádio, tirar apontamentos, para depois puder fazer a notícia e coloca-la online no site da Renascença.

Como mencionado por HENRIQUES, T., muitas vezes a relação entre os jornalistas e as fontes pode fazer lembrar uma dança. Ou seja, as fontes a tentarem ter acesso aos jornalistas e estes a tentarem aproximar-se das fontes.

Hoje em dia, os clubes de maior calibre em Portugal e na Europa, restringem as declarações dos seus profissionais, logo os jornalistas recorrem a antigas glórias para fazerem as antevisões dos jogos.

Durante o período de transferências, os empresários dos jogadores e os dirigentes dos clubes assumem a voz principal, muitas vezes para concordarem ou discordarem de possíveis contratações que estejam a acontecer.

Hoje em dia, podemos encontrar quatro níveis distintos de identificação das fontes:

- On The Record – A fonte é identificada e todas as informações podem ser publicadas
- On Background/Not For Attribution – A fonte não é totalmente identificada embora seja identificado o meio onde recolheu informação
- On Deep BackGround – nem a fonte nem o meio onde recolheu informação são identificados, mas pode ser difundida toda a informação
- Off The Record – Nem a fonte pode ser identificada, nem o meio, nem mesmo a informação pode ser difundida. Esta serve apenas como auxílio na recolha da informação

O CASO PARTICULAR do FUTEBOL

Como verificado em Portugal destacam-se três diários desportivos, o Record, O Jogo e A Bola. Este facto leva muitas vezes, como mencionado por SILVA, A. na sua dissertação, ao termo clubismo. O termo clubismo está intimamente ligado em Portugal, aos “três grandes”, Sporting, Porto e Benfica. Devido a este facto e também confirmado pela parte prática dos inquéritos realizados verifica-se que os adeptos (publico em geral) questionam-se muitas vezes relativamente à ligação que os jornais desportivos possam ter com os clubes mencionados. Deste modo é posto em causa novamente os termos rigor e objectividade, pois o futebol está intimamente ligado a uma paixão onde os sentimentos vêm e são sentidos à flor da pele, ficando a questão no ar, deve ou não o jornalista assumir o seu clube?

Conforme SILVA, A. há três tipos de resposta a esta questão e que ajudam a perceber algumas posições tomadas nos casos desportivos abordados ao longo desta dissertação. Assim segundo SILVA, A., alguns jornalistas vêm que revelar a sua preferência clubística é um meio para credibilizar a sua transparência; outros revelam que em nada essa posição interfere com o seu trabalho e por outro lado, outros revelam mesmo que uma posição clubística pode comprometer o seu trabalho. Carlos Daniel, no artigo realizado para a NOTÍCIAS TV, do Diário de Notícias, afirma mesmo “É impossível gostar de futebol sem gostar de um clube. O que apaixona no futebol é a nossa vinculação a uma cor. É uma relação muito emocional e quando descobrimos já somos de um clube”.

A afirmação de Carlos Daniel, leva mais uma vez a focar na questão: Será que os *media* apenas relatam o que acontece nos eventos desportivos, ou constroem e passam as notícias de acordo com a sua própria interpretação? SILVA, A. afirma que é por esta razão que muitas vezes os três grandes jornais desportivos são associados aos diferentes clubes portugueses (Sporting, Benfica e Porto). Na resolução desta questão foram efectuados questionários ao mundo jornalístico para descobrir as suas opiniões.

A afirmação de Carlos Daniel, demonstra ainda que os jornalistas desportivos mesmo “sem querer” passam os acontecimentos através do que os seus corações clubísticos lhes dizem. Deste modo o clubismo pode mesmo interferir no trabalho jornalístico.

Conforme o estudo realizado por CARDOSO, G. *et al.* os três grandes jornais desportivos portugueses: A Bola, O Jogo e o Record, de certa forma estão associados aos “três grandes”. Assim CARDOSO, G. *et al.*, verificou através de inquéritos que os Benfiquistas associam-se mais ao jornal desportivo “A Bola” (11,3%) e “Record” (6,6%). O mesmo comportamento verificou-se nos adeptos Sportinguistas. A inversão desta situação verificou-se nos adeptos do Porto, onde os quais preferem sem dúvida alguma o jornal desportivo “O Jogo”.

Segundo a análise das diferentes opções feitas pelos portugueses (CARDOSO, G. *et al.*) face ao futebol permite afirmar que existe uma grande intimidade entre o desporto Futebol e os Portugueses, seja através dos clubes, seja também no apoio à selecção nacional. Não é por acaso que actualmente os três grandes encham os seus estádios com uma média entre 30.000 e 60.000 pessoas. Os portugueses sentem o Futebol como ninguém, e dessa forma os jornais desportivos também procuram acompanhar esta “onda”.

Dentro deste assunto relativo ao jornalismo desportivo e à imparcialidade existente, é também de referir casos extremos em que o jornal assume mesmo uma posição clubística. Este facto verifica-se por exemplo no jornal “A Marca”, em que assumidamente defendem as cores do Real Madrid, provocando muitas vezes o adversário directo Barcelona. Por seu lado o Barcelona assume a sua estratégia jornalística através do jornal Mundo Desportivo. Conforme SILVA, A., este exemplo demonstra que em Espanha há um verdadeiro clubismo nos jornais desportivos. Através da entrevista realizada por SILVA, A., ao redactor e comentador desportivo Bruno Prata (2012), este afirma mesmo que “A diferença entre o Benfica ganhar e não ganhar significa vender mais ou menos cerca de 20 mil jornais. Interessa ao jornal A Bola, do ponto de vista comercial, que o Benfica ganhe (...) tem implicações até na feitura da própria primeira página”. Este comentário de Bruno Prata é uma clara justificação ao clubismo muitas vezes presente nos jornais desportivos. No entanto José Gabriel Quaresma (jornalista TVI, 2012), relativamente a este panorama, na entrevista efectuada por SILVA, A., afirma mesmo que em Portugal existem dois tipos de clubismo: um que passa pela estratégia de vendas, e outro define como “clubismo gratuito” o que para o jornalista não passa de “um péssimo trabalho, de um jornalismo vendido”.

Diferença entre Jornalista e Comentador

Na sociedade de, hoje em dia, existem várias pessoas e mesmo executantes da profissão, que não sabem distinguir um **Jornalista** desportivo de um **Comentador** que opina acerca da temática de desporto, neste caso futebol.

O primeiro, segundo o código deontológico, deverá preocupar-se em informar, de forma objectiva, isenta e com imparcialidade, aquele que é o seu alvo. Relativamente ao Comentador, cabe-lhe analisar, interpretar, opinar, um jogo de futebol, por exemplo. Quando adicionamos aos Jornalistas e aos Comentadores a palavra “Desportivo”, temos que ter em conta a paixão e a carga emocional que o desporto, no geral, e o futebol, em particular, geram na esmagadora maioria da população portuguesa.

Existe **dois tipos de jornalista**: O jornalista que assume a cobertura de um evento desportivo como um momento, de alegria, de celebração, paixão e de espectáculo, como é o caso do jornalista falecido, **Jorge Perestrelo**, que relatava os golos com uma forte emoção quais fossem os clubes que estivessem a jogar. Nos últimos tempos, surgiu o jornalista da TSF, **João Ricardo Pateiro** que tem músicas personalizadas para alguns jogadores da Liga portuguesa de futebol, quando marcam um golo.

Depois existem os jornalistas que, com a dose de emoção “em cima”, conseguem passar a notícia, sem perder a isenção, usando a oralidade ou a ortografia para o fazer, de uma forma bastante simples. Nem todos são capazes de o fazer.

Os dois belíssimos jornalistas que referi em cima, são o exemplo mais apropriado do que é ser um bom jornalista e saber ser imparcial, que é o tema principal desta tese. Estes dois jornalistas, que confessaram sempre a cor clubística, Jorge Perestrelo (Sporting) e João Ricardo Pateiro (FC Porto), cantavam com a mesma energia e emoção os golos de qualquer clube. São dois exemplos de jornalistas desportivos, que conseguem passar a mensagem, sem perda de isenção e alguma emoção à mistura.

O Jornalista Desportivo pode destacar-se dos demais caso consiga veicular a notícia sem ser tão formal, comparativamente aos jornalistas de actualidade política económica ou social.

Relativamente aos Comentadores, também existe dois tipos de Comentadores, os que são **adeptos assumidos** e os **imparciais**.

O **Comentador adepto** é um ser que pode opinar, discursar, analisar porque não lhe é pedida Imparcialidade. Hoje em dia, existem variadíssimos comentadores, em programas televisivos, como o “Dia Seguinte”, “Trio de Ataque” e “Prolongamento”, em que os próprios defendem o seu clube até ao limite.

Muitas vezes, estes comentadores opinam de uma forma exagerada, pois existe mercado para esta forma de expressão livre, apaixonada, parcial e emotiva porque os “comentadores adeptos” se revêem nas suas posições.

Neste grupo, chamado de “Comentador Adepto”, inserem-se personalidades conhecidas, como, **Miguel Sousa Tavares** (Escritor), **Rui Oliveira Costa** (Político), **Manuel Serrão** (Empresário), **Fernando Seara** (Político), **Rui Gomes da Silva** (Vice-presidente da direcção do Sport Lisboa e Benfica) **Eduardo Barroso** (Cirurgião), **Guilherme Aguiar** (antigo vice-presidente do FC Porto), entre outros.

Por outro lado, os **Comentadores Imparciais**, tentam estar distantes dos clubes do qual são fãs por opção própria, muitas vezes por causa do formato de programa em que estão inseridos ou do próprio veículo em que o fazem (TV, rádio ou jornal). Atingindo a imparcialidade, estes “Comentadores Imparciais”, quando intervêm, acrescentando ao seu próprio comentário objectividade factual, quase jornalística, ou seja, a sua própria interpretação do facto objecto de comentário.

Neste segundo grupo estão inseridos nomes mediáticos como, o **Valdemar Duarte** (TVI), **Carlos Daniel** (RTP Informação), **João Rosado e Jorge Batista** (SIC), **Luís Freitas Lobo** (Sport TV), entre outros.

O Problema da VERDADE

Mas

Há desonestidade intelectual nestes propósitos?

É ilegítima a colocação do problema da *Verdade Desportiva*?

Ou seja, quando se instituem Tabelas implícitas de Verdade como estas no Record?

Nos conceitos como os da *Liga da Verdade*?

Ou, como no Relvado de Rui Santos quando se faz apelo à *Verdade Desportiva*?

Não necessariamente.

Procura-se chegar em abstracto a um conceito porventura Impossível

como sendo definido em abstracto *purely as if in the clouds with no utterer*

Sem implicados, como se houvesse alguém anjo que vivesse para além do adepto.

A BBC organiza a sua problemática em redor dos conceitos que a velha filosofia já rotulou de *problema da objectividade*, não tanto da verdade (embora estejam obviamente relacionados).

TABELA CLASSIFICATIVA da LIGA da VERDADE



CLASSIFICAÇÃO

Record

	JOGOS PREJUDICADOS	JOGOS BENEFICIADOS	PONTOS DE VERDADE	PONTOS REAIS	DIFERENÇA
1º SPORTING	2	1	37	35	+2
2º FC PORTO	1	2	30	33	+3
3º BENFICA	1	0	29	28	+1
4º SP. BRAGA	0	0	24	24	0
5º RIO AVE	2	0	24	21	+3
6º P. FERREIRA	1	1	20	20	0
7º V. SETUBAL	0	0	18	18	0
8º NACIONAL	1	0	18	15	+3
9º V. GUIMARÃES	1	0	17	16	+1
10º ESTORIL	0	0	16	16	0
11º MARÍTIMO	1	2	15	17	+2
12º AROUCA	1	1	15	16	+1
13º BELENENSES	0	1	12	13	+1
14º U. MADRA	0	0	11	11	0
15º MOREIRENSE	0	1	9	11	+2
16º BOAVISTA	0	1	9	10	+1
17º ACADÉMICA	0	1	8	10	+2
18º TONDELA	0	0	5	5	0

LISTA NEGRA

- BELENENSES-RIO AVE
- SPORTING-P. FERREIRA
- MARÍTIMO-FC PORTO
- AROUCA-BENFICA
- BOAVISTA-SPORTING
- ACADÉMICA-MARÍTIMO
- AROUCA-SPORTING
- RIO AVE-MOREIRENSE
- FC PORTO-P. FERREIRA
- V. GUIMARÃES-MARÍTIMO
- NACIONAL-FC PORTO



NOTA: Esta classificação refere-se ao resumo de cada jogo e pontos mais anulados ou dados e as grandes penalidades não ou directamente assinaladas

Classificação da ‘Liga da Verdade’ (corrigida) publicada na edição impressa do Jornal *Record* de Quarta-Feira, 16 de Dezembro de 2015, correspondente à 13ª Jornada da Primeira Liga Portuguesa de Futebol.

Importância do CÓDIGO DEONTOLÓGICO

O código deontológico dos jornalistas é fundamental para a sua profissão, bem como para se “defender” das diferentes adversidades que podem ocorrer. Acima de tudo o código deontológico define as regras que orientam o exercício da profissão jornalística, dando a conhecer aos profissionais da área as boas práticas que estes devem seguir rigorosamente.

Em Portugal o código deontológico é composto por dez artigos, tendo este documento sido aprovado em 4 de Maio de 1993.

Um dos aspectos mais importantes referidos no código deontológico dos jornalistas é o facto de estes serem aconselhados a relatar os factos com rigor e exactidão, bem como interpretar os mesmos com honestidade e imparcialidade. Estes mesmos factos devem assim ser comprovados, ouvindo as partes envolvidas em determinado acontecimento. A distinção entre notícia e opinião deve também ficar bem explícita para que não haja críticas e desconfianças posteriormente.

Por outro lado o jornalista deve assumir a responsabilidade por tudo o que redige e publica, bem como nos actos profissionais que desempenha, de modo a corrigir se necessário possíveis falsas informações. Para além do mencionado o jornalista deve ainda respeitar a privacidade dos cidadãos, excepto se o acontecimento for de interesse público, ficando sempre obrigado a respeitar a condição das pessoas envolvidas por exemplo no acto de inquirir as mesmas ou na recolha de imagens.

Estes são alguns dos dez pontos que considero mais importante para uma boa base de imparcialidade e que os jornalistas devem seguir à “risca”.

Relativamente à regulação da actividade de jornalista, esta é efectuada pelo Conselho Deontológico do Sindicato dos Jornalistas que tem como função primordial aplicar as medidas previstas no código deontológico. Compete ainda a esta entidade, a emissão e revalidação anual dos títulos profissionais, a análise de todos os casos de infracção do código deontológico, ao estatuto do jornalista, aos estatutos do Sindicato ou ainda ao regulamento da carteira profissional.

Finalmente a Entidade Reguladora para a Comunicação Social que tem como função assegurar o respeito pelos direitos e deveres constitucionais e legalmente

consagrados, entre outros, a liberdade de imprensa, o direito à informação ou ainda a independência relativa aos poderes políticos e económicos.

O exercício da actividade de jornalista é regulado e regrado pelo seu código deontológico e qualquer pessoa ou instituição poderão recorrer aos órgãos que regulam a comunicação social, para averiguar a violação de determinadas regras.

Hoje em dia, quando se está perante uma clara violação de alguns pontos do código deontológico, apenas existe uma repreensão por escrito dirigida ao jornalista e ao órgão social que representa.

No código deontológico não está previsto uma suspensão das funções por tempo determinado nem qualquer outra sanção.

Exemplo de violação do código de ética

No ano de 2013, os sindicatos da Rádio e Televisão de Portugal pediram a demissão do director de informação, Paulo Ferreira, depois das declarações feitas na entrega de prémios “Melhores Gestores de Pessoas 2013”, onde afirmou que os funcionários “mais talentosos” rescindiram voluntariamente, enquanto os que ficaram eram os “menos capazes”.

Paulo Ferreira acrescentou ainda que iriam ser dispensadas mais de 300 pessoas do departamento de produção, visto que esta função passaria a ser comprada a empresas terceiras.

Os sindicatos dos Meios Audiovisuais, Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações e Audiovisual, Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações, entre outros reagiram em comunicado afirmando que “Paulo Ferreira violou o código de ética, ao desrespeitar um princípio a que todos os trabalhadores estão obrigados: a lealdade. As declarações não salvaguardam a credibilidade e a imagem da RTP”.

O director de informação na altura de 2013, Paulo Ferreira, violou o código de ética ao denigrir os funcionários da RTP fazendo considerações publicamente sobre a vida interna da empresa, quando o que devia ter feito era defender a imagem da instituição, Rádio e Televisão de Portugal.

Objetividade, Deontologia, Regulação e Imparcialidade no Jornalismo

O "Problema da Imparcialidade" é o mesmo que o "Problema (filosófico) clássico da Objectividade"? Ou, se preferirmos uma formulação + contextualizada, o "problema da Imparcialidade no Jornalismo" é o mesmo que o "problema (filosófico) clássico da Objectividade no Jornalismo"?

Não nos parece. São problemáticas correlacionadas, ou correlacionáveis, mas não são as mesmas. Embora isso conduzisse, em si mesmo, a nova ou novas dissertações, parece-nos que enquanto a problemática da Objectividade é essencialmente filosófica e epistemológica a Imparcialidade remete-nos mais para um contexto, uma amplitude sociológica e directamente sobre a prática jornalística. Nesse sentido, a Imparcialidade - sobretudo a imparcialidade em contextos clubísticos - remete-nos para uma problemática de fundo que consideramos de "assunção de assimetrias sociais". Nesse sentido, ainda parece-nos mais próximas de problemáticas como as assimetrias de género, assimetrias ráticas, ou mesmo "assimetrias sócio religiosas".

Ou seja, há

- atitudes, práticas de parcialidade *rática*;
- atitudes, práticas de parcialidade de *género*;
- atitudes, práticas de parcialidade de *confissão religiosa*;
- atitudes, práticas de parcialidade *clubística*; ou, por fim, se quisermos expressar mais genericamente, há
- atitudes, práticas de parcialidade *exclusiva* (deficiências);

A Objectividade e as abordagens filosóficas clássicas.

A *objectividade* é considerada um tema, um problema clássico na filosofia. Praticamente todos os grandes filósofos se debruçaram sobre ele e não vamos aqui retratar toda essa longa tradição filosófica (para um tratamento amplo do problema da Objectividade na prática jornalística, remetemos para (Martins, 2005)). Daria uma dissertação em si mesmo. Como a nossa preocupação é a de colocar a questão num contexto da prática jornalística, e até em particular no jornalismo desportivo e até mais em particular ainda no jornalismo desportivo futebolístico, vamos seleccionar o tratamento dado ao problema de forma sumária, em duas fontes: no WikiDicionário e num Observatório de Imprensa brasileiro, ambos visitáveis *on line*; e em termos nacionais, na Autoridade reguladora em Portugal, a ERC.

01. No Wikcionário e na Wikipédia o verbete da Objectividade parte a questão em 3 contextos, na epistemologia, na ciência e no jornalismo. Depois de uma definição dicionarística, geral portanto,

"Objectividade é a qualidade daquilo que é objectivo, externo à consciência, resultado de observação imparcial, independente das preferências individuais." [Wikcionário, Objectividade]

passa logo para o contexto epistemológico.

02. "Em epistemologia, o conceito de objectividade caracteriza a validade de um conhecimento ou de uma representação relativa a um objecto. Em outras palavras, o que é real e como sabemos se é verdadeiro o que inferimos a respeito da realidade? Isto depende, por um lado, do conceito do objecto alvo da atenção e, por outro, das regras normativas próprias da área em questão. Assim, do ponto de vista epistemológico, a objectividade não é

Sinónimo de verdade, embora seja comum confundir os dois conceitos, mas sim uma espécie de "Índice de confiança" ou de "qualidade" dos conhecimentos e representações. Também não é sinónimo de fidelidade ao objecto ou à realidade, apesar de o termo ser muito utilizado com este significado, porque as regras normativas que permitem distinguir o que é objectivo do que não é são definidas, em cada contexto, pela comunidade de membros especializados no assunto." [Idem, ibidem]

Logo também para a ciência, campos científicos específicos:

03. "No campo da ciência, objectividade é a propriedade de teorias científicas de estabelecer afirmações inequívocas que podem ser testadas independentemente dos cientistas que as propuseram. Está directamente relacionada ao atributo dos experimentos científicos de que deve ser possível reproduzi-los. Para ser considerada objectiva, uma teoria, hipótese, asserção ou proposição deve ser passível de ser transmitida de uma pessoa para outra, demonstrável para terceiros, bem como representar um avanço no entendimento do mundo real." [Idem, ibidem]

Finalmente, para o contexto jornalístico:

04. "No campo do jornalismo, objectividade é um atributo de um texto final. Para que um texto seja considerado objectivo, ele deve ser claro e conciso, além de apresentar um ponto de vista neutro."

"No âmbito das teorias do jornalismo, objectividade é a inteligibilidade e identificação de uma subjectividade, ou seja, o processo pelo qual uma informação adquirida por meio de uma experiência se torna palpável a um número considerável de pessoas, quando estas passam a reconhecer a informação em sua vivência e a utilizem como parâmetros para sua ação social. É recorrente a discussão sobre a oposição entre

objectividade e subjectividade, porém esta disputa não é válida, uma vez que ambas se complementam e não há objectividade pura ou subjectividade pura."

Interessante que, no campo jornalístico, a objectividade passe imediatamente para a objectividade *do texto final*, do *artigo*. O artigo, para ser objectivo, deve ser claro e conciso, mas também - o que nos importa muito - *neutro*, ou seja imparcial. Aqui temos o nosso conceito central, *a imparcialidade*. Os artigos devem ser imparciais, deixando subentendido - pensamos nós - que o jornalista deve ele *próprio* ser imparcial. Ou seja, rephraseando mas aplicando a mesma abordagem: "Para que um jornalista seja considerado objectivo, ele deve ser claro e conciso, além de apresentar um ponto de vista neutro, imparcial."

É um ponto de vista.

A Imparcialidade e novas abordagens sociológicas.

A Imparcialidade e as abordagens perante a guerra, o racismo, o género, a orientação sexual e a pobreza.

No *Observatório de Imprensa* [Quinta-feira, 07 de Abril de 2016 ISSN 1519-7670 -

Ano 19 - n°897, http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed724_subjetividade_objetividade_e_verdade_no_jornalismo/]

encontra-se um interessante trabalho académico feito na disciplina de Teoria do Jornalismo I do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, datado de 2012. O interesse deste trabalho está em que os autores, os alunos Camila Maccari, Melissa Schröder e Pedro Velo baseiam todo o seu trabalho num exemplo central muito concreto, um clássico do jornalismo: o livro *Hiroshima*, escrito pelo jornalista John Hersey em 1946. Este caso, sendo paradigmático é muito importante para nós, porque no contexto da guerra e

muito em particular no caso de Hiroshima é muito difícil, quase impossível que o jornalista - e portanto o resultado do trabalho jornalístico, neste caso a sua *reportagem* - não seja parcial. É muito difícil que perante uma situação tao dramática, com envolvimento humano tão pungente, o jornalista não tome partido. E desse ponto de vista é muito semelhante à do jornalista desportivo e à sua condição de adepto, é uma situação homóloga.

Questões Deontológicas e Regulatórias associadas, em Portugal.

Não é propósito desta Dissertação tratar do assunto preciso, específico Deontologia Profissional do Jornalista ou Regulação ou Sistema Regulatório da Imprensa em Portugal, temas que justificariam em si mesmo Dissertações autónomas e exclusivamente dedicadas a esses assuntos.

No entanto, tratando-se de uma Dissertação sobre problemas de Parcialidade/Imparcialidade na Pratica Jornalística Desportiva esse tema de fundo deontológico e regulatório está sempre implicitamente presente. Pelo que remetemos a questão para as referências bibliográficas (Martins, 2011) e (Camponez, 2011).

A pratica jornalística em Portugal apoia-se numa arquitectura em 3 pilares:

- As posições independentes, individuais, auto-reguladas de cada agente (de cada jornalista *free lancer*, de cada jornal, de cada rádio, de cada canal televisivo);
- As posições do *Sindicato dos Jornalistas* e do seu *Código Deontológico*; e
- As tomadas de posição, as decisões da ERC - Entidade Reguladora da Comunicação Social.

Mas, como dissemos já, remetemos para os tratamentos específicos próprios nas referências bibliográficas já identificadas.

Capítulo 2 Imparcialidade no JD Futebol – Casos

Introdução e apresentação sumária dos Casos.

Caso 01. A polémica JOÃO GOVERN

O caso relativo ao jornalista João Govern diz respeito a quando este festejou em pleno programa “Zona Mista” que decorria ao mesmo tempo que o jogo Sp. Braga – Benfica, um golo do Benfica. Este festejo foi manifestado pelo mesmo com o levantar do braço a festejar o golo dos encarnados, o que ditou a sua saída do programa da estação estatal. A RTP emitiu assim um comunicado uma semana depois a mencionar o comportamento de João Govern inadequado. João Govern justificou-se dizendo que ninguém o poderia proibir de “gostar muito” do seu clube, mas que na realidade não teve o melhor comportamento.

Este caso levantou mais uma vez a questão: devem os profissionais de media assumir a sua cor clubística? Jornalistas e comentadores não são unânimes, mas muito vêem como normal vestir a camisola de um clube, desde que não seja em trabalho.

Caso 02. RECORD

Segundo o código deontológico, os jornalistas devem ser imparciais na sua redacção e opinião, não tomando partido de qualquer parte num determinado acontecimento. Os jornais desportivos são muitas vezes confrontados com duras críticas por parte dos apaixonados pelo desporto “rei”, o Futebol. O jornalismo desportivo está muitas vezes venerável aos sentimentos de paixão, euforia clubística, o que leva muitas vezes a que o leitor faça uma interpretação errada ou não dos factos que são redigidos por parte dos jornalistas desportivos. Segundo LADEIRA, M. hoje em dia o jornalista tem uma tarefa árdua de ter o seu trabalho rapidamente disponível, pois as notícias correm a uma velocidade estonteante. Esta velocidade de resposta leva muitas vezes o próprio jornalista a cometer determinados “erros” que podem ser mal interpretados pelos receptores, isto é, podem ser vistos como imparciais em relação a determinado tema. No entanto e como se verifica nos exemplos seguintes, muitas vezes a informação noticiada não respeita os grandes pilares éticos, verdade e objectividade. Este facto deve-se muitas vezes a determinadas “empatias” que no caso do futebol, está intimamente ligado aos principais clubes em Portugal. Knightley afirma mesmo que em muitas situações de transmissão de informação jornalística a verdade é a “primeira vítima”.

No programa “Treinadores de Bancada” que é transmitido no canal “Bola TV”, o fadista, João Braga, mencionou o jornal Record como um jornal desportivo sectarista, com forte ligação ao clube Sport Lisboa e Benfica, afirmando mesmo que o director do mesmo era benfiquista assumido. Este caso deveu-se à menor importância que o jornal Record deu no dia a seguir de Cristiano Ronaldo receber a bola de ouro. O jornal Record nesse dia fez capa de um jogador do Benfica, colocando Cristiano Ronaldo fora do destaque que segundo João Braga, tanto merecia.

Outro dos casos, e nesta situação difundido não fisicamente através do jornal diário mas pela internet, e que também foi muito comunicado e difundido pelo mundo jornalístico, foi o da estranha posição por parte do Record na tabela classificativa da Liga Zon Sagres. Este caso passou pela não tomada de posição por parte da direcção do Record, em assumir que o Sporting Clube de Portugal estava naquela jornada em 1º lugar da Liga Zon Sagres. Este caso tomou proporções maiores quando o próprio *site* da

Liga Portuguesa de Futebol tinha naquela jornada o Sporting em primeiro lugar. Assim e como já mencionado anteriormente duras críticas surgiram por parte dos fans dos clubes rivais do Benfica, os chamados “treinadores de bancada”. A reacção por parte destes fans do Sporting não se fez esperar e através das novas tecnologias, sobretudo através do Facebook colocaram “mãos à obra”, criando um grupo de nome “Jornal Record fora de Alvalade”.

Este acontecimento demonstra que o jornalismo desportivo, e sobretudo quem o redige e comenta têm que estar preparado para tudo, sendo que a imparcialidade e rigor na informação transmitida deve ser prioridade. O caso referido que tem como protagonista o jornal Record e o Sporting leva-nos à pergunta, “Será possível atingir imparcialidade jornalística?”. A resposta será sempre complexa e ainda para mais no jornalismo desportivo em que as emoções estão sempre presentes, como foi o caso do jornal Record perante o clube Sporting.

É também possível verificar através deste acontecimento a força que a sociedade também tem sobre este tipo de evento desportivo. A simples acção de criação de um grupo numa rede social pode fazer “mexer” com a direcção dos clubes, de modo a actuarem como estes pensam sobre a realidade futebolística que vêem todos os fim-de-semana.

Outro dos factos muito presentes nos jornais desportivos actualmente e que faz muitas vezes “subir a cortina” e dar a conhecer as preferências clubísticas, é a modificação de expressões ditas pelos treinadores em conferências de imprensa, como por exemplo aquando da conferência de Leonardo Jardim, onde este mencionou que “Adrien é tão bom como o William Carvalho no passe longo”, um dos jornais desportivos colocou “Adrien a lançar [fazer um passe longo] é melhor do que William Carvalho”.

Todos estes factos tornam o jornalismo desportivo cada vez mais apetecível, onde qualquer pessoa gosta de opinar sobre o trabalho realizado pelos jornalistas desta área. Há como que o despoletar constante e necessário de um marketing à volta do Futebol, onde todos procuram defender os seus direitos e lucros. É também de referir que para se conseguir este marketing é feito por parte dos jornais desportivos capas que chamam a atenção do leitor, de modo a que a aquisição do mesmo seja rápida, sem “pensar duas vezes”. Muitos críticos deixam mesmo a pergunta no ar, se ler um jornal desportivo actualmente é o mesmo que lermos uma revista cor-de-rosa.

Caso 03. Caso Cerveja SAGRES – RUI PATRÍCIO

O vídeo que a companhia de cervejas, Sagres, realizou sobre o erro cometido pelo guarda-redes da Selecção Nacional, Rui Patrício, no jogo entre Belenenses e Sporting, motivou reacções de indignação por parte de adeptos portugueses e do Sporting, visto que envolve um jogador do clube.

A Imparcialidade neste caso começa quando a principal patrocinadora da Selecção e da Liga Portuguesa “goza” com um erro de um jogador que é português e do qual resultou o golo do Belenenses.

O vídeo publicado na página oficial da Sagres continha duas referências ao guarda-redes português, como “Aos 46’, Rui Patrício começa a temperar o frango” e a segunda refere-se ao golo marcado pelo avançado do Belenenses, Rui Fonte, “Golo do Belenenses! Rui Fonte! Frango servido no Restelo”. Ambas as referências são acompanhadas de uma imagem de um frango assado.

Depois de colocar este vídeo no Facebook, a página da empresa foi inundada de reivindicações por parte todos os amantes do futebol, levando a Sagres a emitir um comunicado lembrando que nunca foi sua intenção “ofender, denegrir ou gozar com os intervenientes de um desporto”.

Numa versão mais actualizada a empresa em questão, pediu desculpa ao jogador, Rui Patrício, à Federação Portuguesa de Futebol, ao Sporting Clube de Portugal, aos Sportinguistas e a todos os adeptos”. O vídeo durou apenas um dia a circular na internet. Mais uma vez nota-se pouca imparcialidade, desta vez feita pela empresa que patrocina o Sport Lisboa e Benfica e que deixou de patrocinar o Sporting em 2009.

Segundo explicou a Sagres este video tinha como objectivo retractar em 60 segundos um jogo de 90 minutos do ponto de vista do adepto, de uma forma descontraída, imparcial e até cómica”. O problema é que com este vídeo não conseguiram demonstrar imparcialidade.

O guarda-redes, Rui Patrício, é um dos símbolos máximos da Selecção Portuguesa, conhecido mundialmente, e é preciso ter algum cuidado quando se pretende ironizar. Neste caso, a Imparcialidade é logo visível, porque refere-se a um jogador que actua numa equipa rival ao Benfica.

Assim, este facto ainda foi reforçado pela publicação de um comunicado da Federação Portuguesa de Futebol, bem como pelo clube que Rui Patrício representa

LÓGICA do ADEPTO. Um Exercício informal de Lógica

LÓGICA ADEPTA ou *Lógica do Adepto*

Aparentemente a Lógica Adepta é tendencialmente Booleana.

Alguns (adeptos fervorosos) diriam que não é só *tendencialmente* Booleana é *mesmo categoricamente, plenamente* Booleana.

Mas será mesmo?

Exercícios de Lógica Adepta:

Seria interessante desenvolver linhas de trabalho que aqui apenas se invocam, nestas várias linhas de desenvolvimento:

- A) Tabelas de Verdade
- B) Lógicas Modais de Adepto
- C) Lógicas Intuicionistas
- D) Lógicas Deônticas

Por exemplo:

Perante um Golo do Benfica num derby Benfica - Sporting:

A lógica adepta é Bivalente? Booleana? Trivalente?

O Adepto Benfiquista:

GOSTA

O Adepto do SCP

NÃO GOSTA

MAS O adepto Portista por exemplo, por hipótese

PODE GOSTAR ou NÃO GOSTAR havendo mesmo 3ª HIPÓTESE (3º Não Excluído).

Desmond Morris, um conhecido biólogo, doutorado na área, reconhecido pelo seu trabalho como zoólogo e etólogo (e ainda um pintor surrealista mas que não é relevante para nós, neste contexto) e um *expert* em sociobiologia humana, trabalhou um conceito no qual o Desporto onde se inscreve o Futebol é um exercício tribal, primata, de

expressão colectiva feroz, selvagem, vestígio de uma expressão e propriedades pré-*homo sapiens*.

Segundo Desmond Morris

na *Tribo do Futebol* a Lógica Adepta é obviamente Booleana. Não há Terceira hipótese, Terceira opinião. Porque a natureza selvática do decisor primata pré-*homo sapiens* coloca-o praticamente quase ao nível de um felino feroz sobrevivacional, como um leão entregue à sobrevivência na selva africana.

Uma qualquer Lógica Adepta

centra-se na Questão do valor de verdade *do mesmo*, *do mesmo evento*, *da mesma situação* e, portanto, *da mesma proposição*.

O p que é **$p = \text{é, houve pénalti}$** é negado pelo adepto adversário, é um $\neg p$.

Numa lógica Booleana, onde coexistem apenas 2 valores, verdadeiro ou falso, 1 ou 0, a ambos os pontos de vista são atribuíveis valores de verdade contraditórios.

Por hipótese:

No mesmo jogo, um clássico e derby lisboeta Benfica - Sporting

- a) Para o adepto Benfiquista, *adpt SLB* p , a situação é descrita por p
- b) Para o adepto Sportinguista *adpt SCP* p , a mesmíssima situação é descrita por $\neg p$, ***não p***

Ou seja a Situação parece envolver mais uma situação de lógica paraconsistente ou mesmo lógica inconsistente.

Mas valerá a pena trabalhar estas hipóteses de desenvolvimentos formais ou semi-formais.

Na consideração de alguns Operadores geradores de outros Sistemas Lógicos, como são os casos dos Operadores Modais, Necessidade e Possibilidade, a Lógica Adepta parece colocar questões igualmente curiosas e *sui generis*.

Em certas situações o Terceiro Excluído pode ser posto também em causa.

Por hipótese:

pode um *adpt Portista*, *adpt FCP* perante o mesmíssimo pénalti

que é sustentado por *adpt SLB* como p

e por *adpt SCP* como ***não p*** ($\neg p$)

sustentar um *talvez* (num quadro em que os outros valores são *verdadeiro* ou *falso*) ou

1/2 (num quadro onde os outros valores são 1 ou 0) ou 50% (em que o *verdadeiro*, ou 1, é também 100%; e o *falso*, tb 0 ou tb 0%).

Ou seja, aproximando-nos, se desenvolvemos estes princípios lógicos e erigirmos esta lógica em Sistema Lógico, aproximando-nos de uma Lógica Trivalente mas com pelo menos para-consistência (Cf. por exemplo Newton da Costa, 1974).

“The contemporary logical orthodoxy has it that, from contradictory premises, anything can be inferred. Let $\models$ be a relation of logical consequence, defined either semantically or proof-theoretically. Call $\models$ *explosive* if it validates $\{A, \neg A\} \models B$ for every A and B (*ex contradictione quodlibet* (ECQ)). Classical logic, and most standard ‘non-classical’ logics too such as intuitionist logic, are explosive. Inconsistency, according to received wisdom, cannot be coherently reasoned about.” (SEP Paraconsistent Logic)

“*Paraconsistent logic* challenges this orthodoxy. A logical consequence relation, $\models$, is said to be *paraconsistent* if it is not explosive. Thus, if $\models$ is paraconsistent, then even if we are in certain circumstances where the available information is inconsistent, the inference relation does not explode into *triviality*. Thus, paraconsistent logic accommodates inconsistency in a sensible manner that treats inconsistent information as informative. The prefix ‘para’ in English has two meanings: ‘quasi’ (or ‘similar to, modelled on’) or ‘beyond’. When the term ‘paraconsistent’ was coined by Miró Quesada at the Third Latin America Conference on Mathematical Logic in 1976, he seems to have had the first meaning in mind. Many paraconsistent logicians, however, have taken it to mean the second, which provided different reasons for the development of paraconsistent logic as we will see below.” (SEP Paraconsistent Logic)

A Lógica ParaConsistente parece assim estar mais próxima das dificuldades formais de estabelecer uma Lógica de Adeptos.

Valeria a pena continuar nesta linha de trabalho lógico-formal; acreditamos que nos revelariam desenvolvimentos situacionais e conceptuais interessantes e mesmo curiosos, certamente esclarecedores da problemática do adepto e das suas verdades, da sua imparcialidade, da sua lógica enfim... Mas isso compreenderia em si mesmo uma nova investigação e uma nova dissertação.

Ficam aqui algumas questões relativamente soltas mas suficientemente indiciadoras – é o nosso ponto de vista – de que há matéria suficientemente interessante para o entendimento da nossa questão, o nosso problema central. Indagar como se deve entender e gerir a Imparcialidade no Jornalismo Desportivo – Futebol.

.

Esboço de uma Lógica Adepta

Lógicas Formais

Tabela 1

p	q	$p \wedge q$	$p \vee q$	$\neg p$
T	T	T	T	F
T	F	F	T	F
F	T	F	T	T
F	F	F	F	T

Na **Lógica Adepta** o Valor de Verdade de cada proposição formal p , q não é atribuível à proposição em si mesma: depende do *utter*, ou seja, do **Adepto** que *diz* [*utter*] a proposição. Se por hipótese tomássemos como p sendo assumida por um **Adepto B** (*Benfiquista*, por hipótese) e q , por hipótese, de um **Adepto Sportinguista**, os Valores de Verdade da Conjunção $p \wedge q$, $p \vee q$, ou $\neg p$ não seriam os da Tabela 1

Tabela 2

p	q	r	s	$p \wedge q$	$\vee (r \wedge \neg s)$	$\vee p$
T	T	T	T	T	T	T
T	T	T	F	T	T	T
T	T	F	T	T	F	T
T	T	F	F	T	F	T
T	F	T	T	F	F	T
T	F	T	F	F	T	T
T	F	F	T	F	F	T
T	F	F	F	F	F	T
F	T	T	T	F	F	F
F	T	T	F	F	T	T
F	T	F	T	F	F	F
F	T	F	F	F	F	F
F	F	T	T	F	F	F
F	F	T	F	F	T	T
F	F	F	T	F	F	F
F	F	F	F	F	F	F

3 4 2 1 5

Tabela 2 a **Lógica Adepta** seria encontrar alguma relação com a integração de de vista pontuais os quais poderiam começar a perfazer mais completa, mais ampla de Por exemplo. Do jogo todo. a falência total destes valores porque à partida os próprios verdade de cada proposição de quem as *diz*, ou seja de cor adepta que assume, a a proposição p ou q em A questão da ordem dos s é muito interessante qdo mo **Lógica de Adeptos**; um jo que não é assinalado dá ma indescritível polémica se o seguinte que é validado!

Tabela 4

p	q	$p \rightarrow q$
T	T	T
T	F	F
F	T	T
F	F	T

A definição das propriedades semânticas do conectivo (operador) condicional, ou implicação, na Lógica de Adeptos não pode funcionar; ou antes, as condições até podem ser aceites por diferentes adeptos mas nunca o são os valores de verdade de p e de q (ou pelo menos um destes termos) o que paraliza, torna absolutamente improcedente a implicação

Tabela 5

p	q	$p \leftrightarrow q$
T	T	T
T	F	F
F	T	F
F	F	T

Idem, da implicação recíproca

Tabela de Verdade básica.

A	B	A ∨ B	A & B	¬ A
Verdadeiro	Verdadeiro	Verdadeiro	Verdadeiro	Falso
Verdadeiro	Desconhecido	Verdadeiro	Desconhecido	Falso
Verdadeiro	Falso	Verdadeiro	Falso	Falso
Desconhecido	Verdadeiro	Verdadeiro	Desconhecido	Desconhecido
Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido	Desconhecido
Desconhecido	Falso	Desconhecido	Falso	Desconhecido
Falso	Verdadeiro	Verdadeiro	Falso	Verdadeiro
Falso	Desconhecido	Desconhecido	Falso	Verdadeiro
Falso	Falso	Falso	Falso	Verdadeiro

Neste esboço não cabem explicações mais detalhadas que contemplem, por exemplo, os valores assumíveis pelo *desconhecido*.

Mas o mais interessante e básico começa por ser a subversão da Tabela Básica da Negação:

Tabela da Negação ($\sim$)

A	$\neg A$
V	F
F	V

A negação da proposição "A" é a proposição " $\sim A$ ", de maneira que se "A" é verdade então " $\sim A$ " é falsa, e vice-versa.

A	$\neg A$
<i>adpt</i> SLB V	<i>adpt</i> SLB F
<i>adpt</i> SCP F	<i>adpt</i> SCP V

Supondo que A é a declaração, a asserção de um pénalti no derby Benfica – Sporting, um penalti que ocasiona um golo 1 – 0 para o Benfica, a tabela da Lógica Adepta não pode ser apresentada do modo imediatamente acima **porque o próprio evento** descrita, **subsumido em** A é já e de imediato, por hipótese. **contestado** pelo adepto Sportinguista *adpt* SCP.

Há diversas, diríamos mesmo *muitas* situações nas quais o raciocínio formal do adepto gera situações compostas ou complexas muito curiosas. Por exemplo, numa situação verificada por nós há uns anos num restaurante da cidade de Lisboa, um adepto do Inter de Milão em Lisboa, torcia pela Benfica que jogava contra o AC Milan, por razões da rivalidade intrínseca italiana. As razões da Lógica Adepta assim o determinaram.

Capítulo 3 Recolha de Opiniões Profissionais e de Leitores - Resultados

Os Questionários foram elaborados para recolher opiniões de (1) Profissionais do Jornalismo Desportivo em Portugal e (2) de Leitores de Jornais Desportivos no universo da População portuguesa em geral.

O Ponto de Vista dos PROFISSIONAIS

O objectivo principal da recolha das opiniões dos profissionais, bem como dos leitores foi verificar até que ponto, no caso dos jornalistas desportivos o factor clube tem influência na sua redacção. Por outro lado a recolha de opiniões junto dos leitores foi verificar como vêem a questão da imparcialidade no jornalismo desportivo.

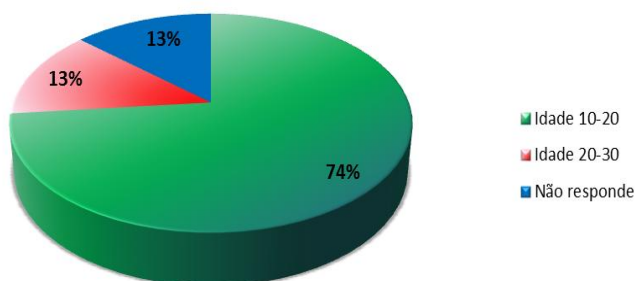
Os profissionais (jornalistas desportivos) inquiridos exercem a sua profissão na sua maioria entre os 10-20 anos (74% - gráfico 1).

Conforme os resultados obtidos, 93% (gráfico 2) dos jornalistas inquiridos admitem que as cores clubísticas não exercem qualquer tipo de influência no seu trabalho diário.

No entanto curiosamente, os resultados obtidos mostram-nos também que os jornalistas desportivos inquiridos mostram uma certa indecisão aquando da pergunta se acham que existe imparcialidade no jornalismo desportivo em Portugal (gráfico 3), o que demonstra uma certa insegurança em relação à temática “imparcialidade no jornalismo”. Através dos resultados verificados no gráfico 4, mais uma vez nota-se a certa indecisão em responder á pergunta colocada, havendo no entanto uma divisão de opiniões quanto á eventualidade de assumir as suas cores clubísticas.

Por outro lado através da pergunta onde se propõem que os jornalistas indiquem um caso em que para eles houve imparcialidade na redacção de um acontecimento desportivo, os inquiridos também demonstraram que este assunto é bastante sensível para os mesmos, onde 73% (gráfico 5) não responderam. Estes resultados podem demonstrar que para além da sensibilidade do tema inquirido estes não querem que se torne público as suas decisões, pois como já se verificou ao longo do desenvolvimento da temática “imparcialidade no jornalismo desportivo”, o desporto é uma área de paixões e de muito entusiasmo.

Há quanto tempo exerce a sua profissão?



Enquanto jornalista desportivo considera-se imparcial?

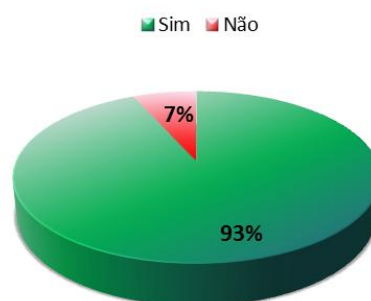


Gráfico 1

Acha que existe Imparcialidade no jornalismo em Portugal?



Gráfico 3

Indique um caso que conheça onde não tenha existido Imparcialidade de um jornalista, de um jornal ou mesmo de um canal televisivo afecto ao três principais clubes de Portugal

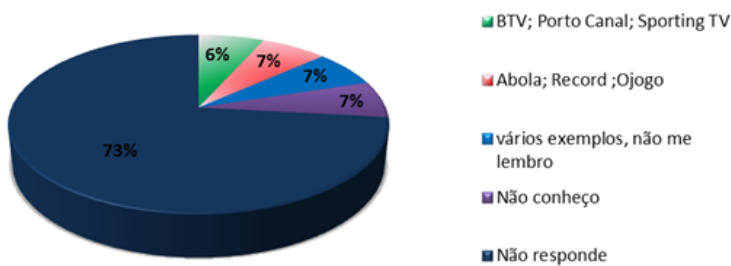


Gráfico 2

Em alguma circunstância era capaz de assumir publicamente a sua cor clubistica?

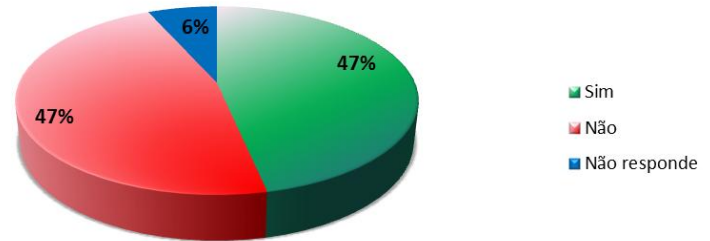


Gráfico 4

Gráfico 5

Num relato de um jogo de futebol, qual é o momento onde não se consegue ter Imparcialidade?

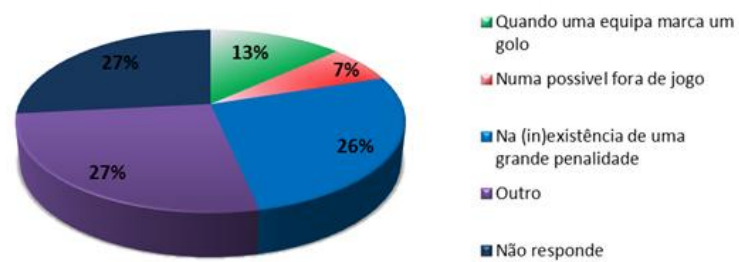


Gráfico 6

O Ponto de Vista dos LEITORES

Quando as pessoas ouvem um relato ou lêem uma crónica de um Jornalista, acha que conseguem associar logo o clube que o Jornalista defende?

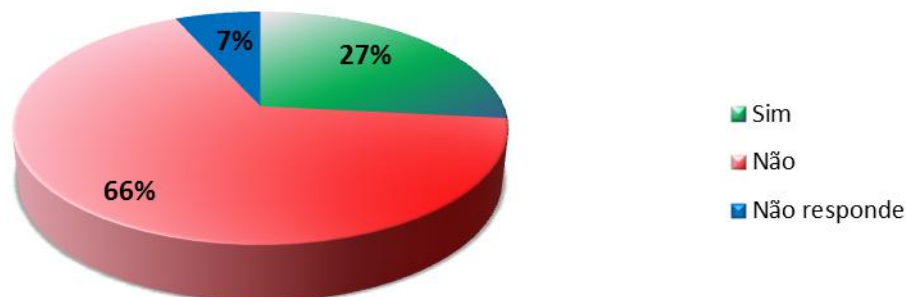


Gráfico 7

Relativamente á recolha das opiniões dos leitores verificou-se que 87% (gráfico 8) dos leitores tem por hábito consultar jornais desportivos, o que demonstra a força não só do futebol como modalidade principal, mas também de todas as outras ligadas ao desporto. Como HENRIQUES. T menciona, o futebol hoje em dia é o desporto-rei do mundo e dos media, pois é um dos desportos com maior impacto, sendo muitas vezes noticia. Para além do jogo de futebol em si, há toda uma envolvimento antes e pós jogos que leva os jornalistas desportivos a alargarem a passagem de informação que é dada aos leitores e ouvintes. Todos os preparativos dos jogos, a concentração das equipas nos ditos estágios, os treinos, até ao “onze” inicial das equipas, faz com que o futebol seja noticia em qualquer parte do mundo.

Relativamente ao jornal mais lido pelos leitores inquiridos destaca-se sem dúvida o jornal “Record” (gráfico 9) com uma percentagem significativa de 60%. Conforme HENRIQUES. T, o jornal “Record” em 2013, vendeu em média 50 mil exemplares por dia, o que demonstra a grande “potência” jornalística desportiva do jornal.

Ao contrário do que se notou nos profissionais inquiridos, os leitores verificam que em muitos dos casos regista-se a não imparcialidade jornalística nos jornais desportivos estudados (87% - gráfico 10). Estes resultados levantam a grande questão da credibilidade dos jornais desportivos na divulgação das notícias. HENRIQUES.T refere

que este facto já era mencionado por Bob Franklin em 1997, onde este dizia que a crescente importância do jornalismo desportivo, era por si só um sintoma do declínio dos padrões jornalísticos. Esta afirmação de Bob Franklin não é desapropriada, uma vez, e como verificado ao longo desta tese, a emoção e a paixão são a grande base no jornalismo desportivo, assumem como um papel principal. Este facto ainda é reforçado no gráfico 10, onde os leitores inquiridos (86%) afirmam mesmo que para eles não existe imparcialidade no jornalismo desportivo.

Por fim o gráfico 12 demonstra-nos como os leitores vêem a problemática da imparcialidade no jornalismo desportivo e como os profissionais da área deveriam o resolver. À volta de 40% dos leitores inquiridos afirma que a “desafeição clubística” aquando da redacção das notícias seria o ideal para atenuar a imparcialidade no jornalismo desportivo.

Costuma ler jornais desportivos?

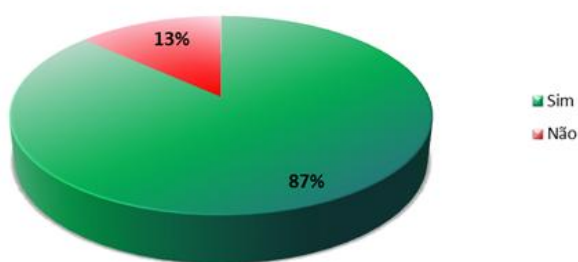


Gráfico 8

Qual é o jornal desportivo que lê?

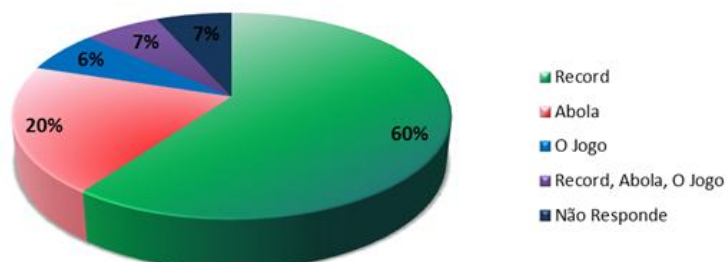


Gráfico 9

Acha que os jornais desportivos têm preferência clubística?

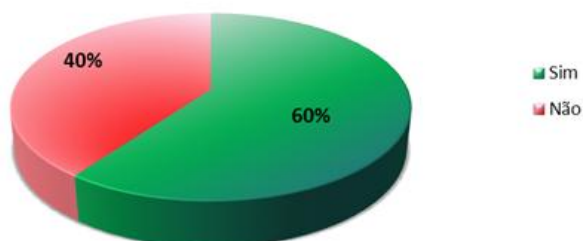


Gráfico 10

O que acha do jornalismo desportivo praticado em Portugal?

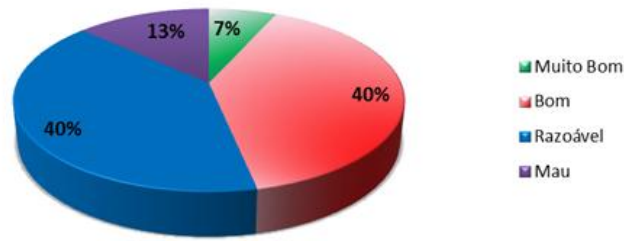


Gráfico 11

Acha que existe Imparcialidade no jornalismo desportivo em Portugal?

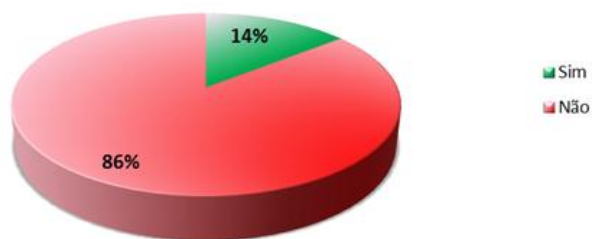


Gráfico 12

Tem admiração por algum jornalista desportivo?

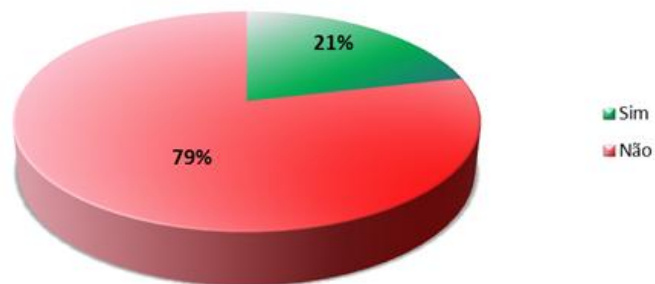


Gráfico 13

O que acha que se deve mudar no Jornalismo desportivo para haver mais Imparcialidade?

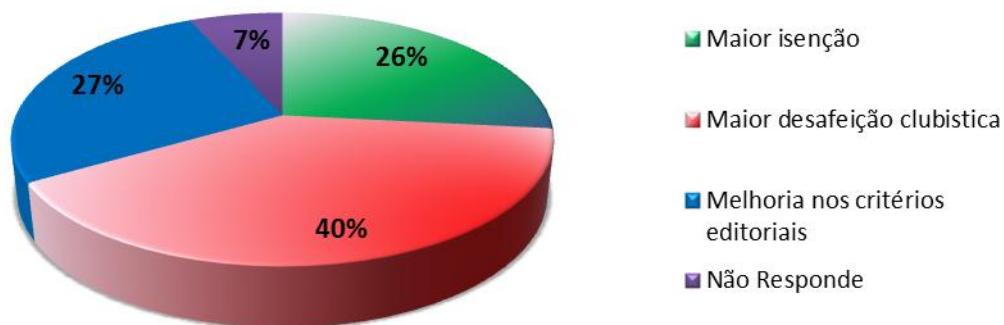


Gráfico 14

Tendo sido efectuados os inquéritos analisados foi ainda possível correr diversos testes estatísticos nomeadamente, o teste estatístico Qui-Quadrado, o teste exacto de Fisher, e o teste não paramédico de *Mann-Whitney*.

Às respostas, á pergunta “Que tipo de jornalismo prefere?” foi utilizado o teste estatístico Qui-Quadrado, tendo como amostra os Jornalistas e a População em Geral (Quadro 1). Estas foram as perguntas escolhidas pois eram as que se repetiam tanto no inquérito da População em Geral, bem como nos Jornalistas.

O teste estatístico Qui-Quadrado permite verificar se existe relação entre variáveis através da comparação dos valores observados na tabela com os valores. A partir do teste estatístico do Qui-Quadrado pode-se então calcular a probabilidade de se obter a diferença entre os valores observados e esperados, ou uma diferença superior, se a Hipótese Nula for verdadeira (**valor p**).

A fórmula utilizada neste método é a seguinte:

$$\chi^2 = \sum \frac{(O - E)^2}{E}$$

O = frequência observada para cada classe

E = frequência esperada para aquela classe

Que tipo de jornalismo prefere? * Tipo de Questionário Crosstabulation						
			Tipo de Questionário		Total	Valor de P
			População em Geral	Jornalistas		
Que tipo de jornalismo prefere?	Jornalismo Radiofónico	Count	7	8	15	0,715
		% within Tipo de Questionário	46,7%	53,3%	50,0%	
	Jornalismo escrito	Count	8	7	15	
		% within Tipo de Questionário	53,3%	46,7%	50,0%	
Total	Count		15	15	30	
	% within Tipo de Questionário		100,0%	100,0%	100,0%	

Quadro 1

Tendo em consideração o valor de p obtido (0,715), verifica-se uma correlação em relação ao tipo de jornalismo preferido tanto na amostra “População em Geral”, como na amostra “Jornalistas”.

Para os resultados encontrados á pergunta “O que acha que se deve mudar no Jornalismo Desportivo para haver mais imparcialidade?”, foi utilizado o teste estatístico exacto de Fisher, tendo como amostra as respostas dos Jornalistas e da População em Geral.

O teste exacto de Fisher permite verificar se as quantias de ocorrências nestas categorias são ou não equivalentes nas duas populações (Jornalistas e População Geral – Quadro 2).

O que acha que se deve mudar no Jornalismo desportivo para haver mais Imparcialidade? * Tipo de Questionário Crosstabulation						
			Tipo de Questionário		Total	Valor de P
			População em Geral	Jornalistas		
O que acha que se deve mudar no Jornalismo desportivo para haver mais Imparcialidade?	Maior isenção	Count	4	5	9	0,222
		% within Tipo de Questionário	28,6%	45,5%	36,0%	
	Maior desafeição clubistica	Count	6	1	7	
		% within Tipo de Questionário	42,9%	9,1%	28,0%	
	Melhoria nos critérios editoriais	Count	4	5	9	
		% within Tipo de Questionário	28,6%	45,5%	36,0%	
Total	Count		14	11	25	
	% within Tipo de Questionário		100,0%	100,0%	100,0%	

Quadro 2

Como o valor de p é superior a 0,05 ($p = 0,222$), conclui-se que a opinião da População Geral está correlacionada com a opinião dos Jornalistas.

Por fim foi utilizado o teste estatístico não paramétrico de *Mann-Whitney*, pois a amostra analisada é pequena, sendo aplicado quando estão presentes duas amostras independentes, neste caso jornalistas e leitores (Quadro 3).

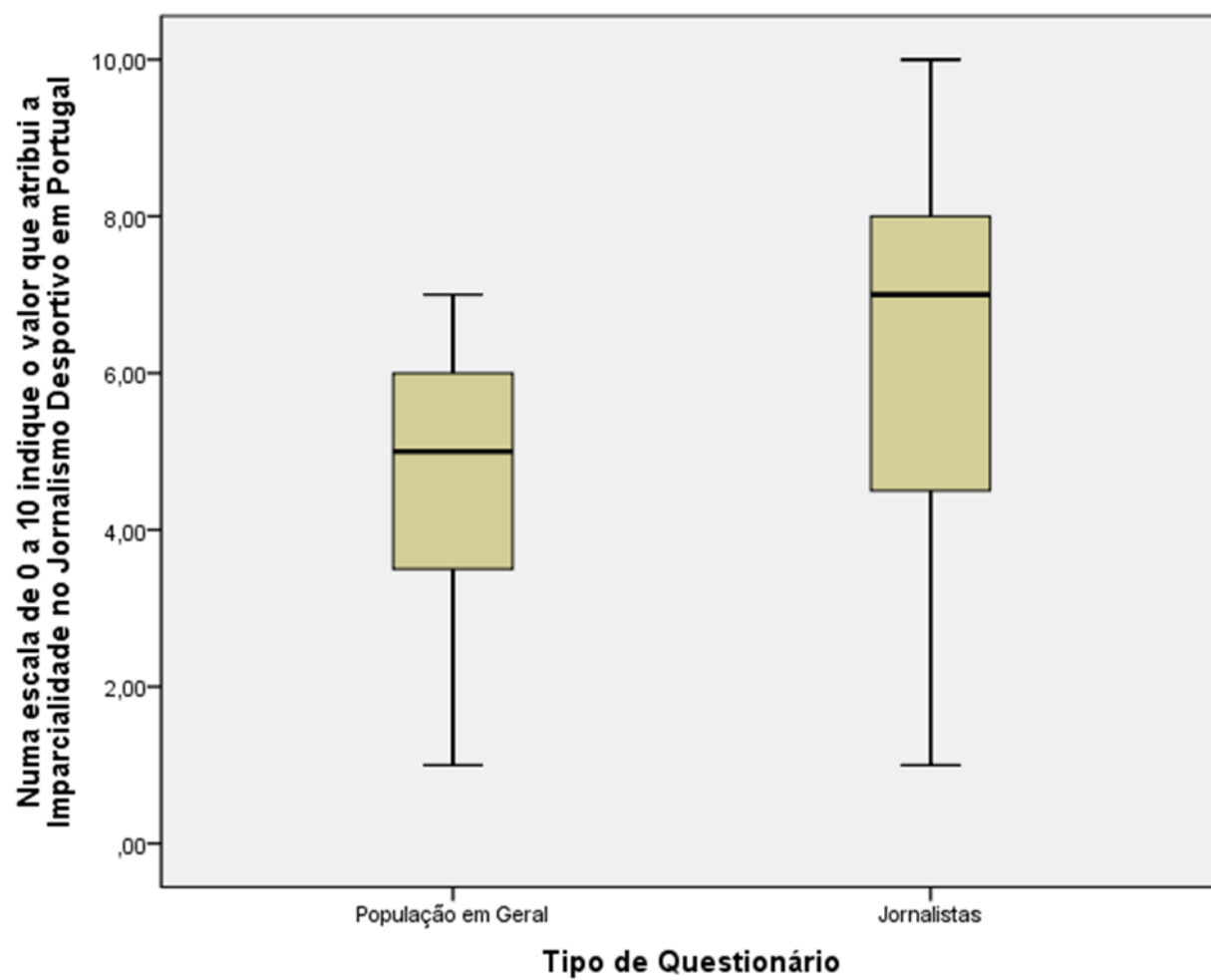
Tendo em consideração os resultados obtidos verifica-se que o valor de p é inferior a 0,5, o que significa que as variâncias são diferentes nos dois grupos (População Geral e Jornalistas), e assim as opiniões também.

Report

Numa escala de 0 a 10 indique o valor que atribui a Imparcialidade no Jornalismo Desportivo em Portugal

Tipo de Questionário	N	% of Total N	Mean	Median	Std. Deviation	Minimum	Maximum	Valor de P
População em Geral	15	50,0%	4,7333	5,0000	1,83095	1,00	7,00	0,024
Jornalistas	15	50,0%	6,4667	7,0000	2,53170	1,00	10,00	
Total	30	100,0%	5,6000	6,0000	2,34300	1,00	10,00	

Quadro 3



Quadro 4

CONCLUSÕES

01. A primeira conclusão - surpreendente, inesperada - é de que não obstante a natureza estridente, polémica do tema desporto e depois de futebol , não há estudos sobre *Parcialidade / Imparcialidade* no Jornalismo Desportivo – Modalidade Futebol. Nem estudos académicos nem estudos - digamos - gerais. Surpresa? Sem dúvida, tendo em vista a indiscutível proeminência e estridência do tema nos *media* e no quotidiano.

02. Em sequência, numa segunda conclusão, aquilo que resulta mesmo que de forma mesmo assim escassa. é que os estudos que existem se albergam em redor dos conceitos filosoficamente clássicos de *objectividade* ou *independência*. Casos verificáveis, por exemplo, mas mesmo assim poucos estudos, da prestigiada e paradigmática BBC. Muito interessante, sobretudo porque nos remetem para uma posterior terceira conclusão - constatação – sobre a *verdade*, a verdade no desporto.

03. O conceito de *verdade* assume uma enorme mas também compreensível ambivalência. Vejamos as pretensões epistemologicamente compreensíveis (embora psico-sociologicamente mais problemáticas, como quando afinal todos eram pretensiosamente *do belenenses* ou *do atlético* e designadamente muitos árbitros) das iniciativas chamadas de *Verdade Desportiva* ou ainda das Tabelas Classificativas *da Verdade*, numa arrogância epistemológica extraordinária. Ou seja, como se fosse adquirido que há uma Verdade *in abstracto*, sem intervenientes emissores ou pontos de vista de quem a emite. É extraordinário, mas como deve sempre assumir-se que as questões quando colocadas as são em honestidade intelectual, deve apenas salientar-se como estas questões colocadas actualmente no Desporto, no Jornalismo Desportivo e no Jornalismo de Futebol em particular, são-no em desfasamento temporal, em atraso relativo se tivermos em linha de conta todo o trabalho de análises formais sobre a verdade e a objectividade na filosofia e na ciência dos séculos XIX e XX. Como estamos a procurar mostrar com as referências a abordagens formais como as de Tarski sobre a verdade.

03a. Aquilo a que chamámos uma *lógica adepta* (informal, semiformal ou mesmo formal) valerá a pena ser esboçada ou testada. Ensinaamentos curiosos e eventualmente

inesperados parecem estar suficientemente *ao voltar da esquina* para que incluamos este trabalho como um justificável desenvolvimento futuro.

04. Uma surpreendente quarta conclusão mas afinal óbvia pela ligação, pela via manifesta da verdade (desportiva) e da objectividade (jornalística), é a intrusão da tecnologia neste emaranhado de questões sobre o nosso tema central da imparcialidade no jornalismo desportivo – modalidade futebol. Os recursos tecnológicos interferem sempre que possível em tudo o que se prende com critérios de objectividade; já no século XIX (fins) e (primeiras décadas) do século XX, a física recorreu à câmara fotográfica para distinguir entre aquilo que subjectivamente possa ser registado na mente de alguém e aquilo que *efectivamente* ocorre, aquilo que *objectivamente* (não *subjectivamente*) ocorre. Os meios tecnológicos para distinguir validações de golo, por exemplo, são disso testemunho.

05. Através dos inquéritos realizados aos jornalistas, bem como à população em geral (leitores), e posteriormente através da análise dos mesmos através de métodos estatísticos, verificou-se de certa forma uma semelhança nas opiniões estudadas (em pelo menos 3 perguntas analisadas).

05a. Assim o método estatístico Qui-Quadrado, o teste exacto de Fisher, bem como o teste não paramédico de *Mann-Whitney*, foram essenciais para perceber se havia correlação entre as amostras, o que se veio a verificar na maioria dos casos. Deu para perceber desta forma que embora os Jornalistas discordem em determinados assuntos (mais sensíveis e talvez mais delicados para os mesmos responder, pois é a sua profissão que está em causa, apesar do anonimato), em outros assuntos comungam com os leitores em opiniões fulcrais para o melhoramento do jornalismo em geral, e em particular o desportivo.

06. Em rigor e no fim das nossas investigações podemos dizer que a Imparcialidade no Jornalismo Desportivo – [Futebol] reflecte de forma não surpreendentemente as dificuldades de ser-se Imparcial filosoficamente em geral, ser-se Imparcial no Jornalismo generalista e ser-se Imparcial no Jornalismo Desportivo. Na tríade descendente com que começámos a apresentar o nosso Problema base:

IMPARCIALIDADE

IMPARCIALIDADE

No JORNALISMO

IMPARCIALIDADE

No Jornalismo DESPORTIVO

IMPARCIALIDADE

No Jornalismo Desportivo - FUTEBOL



Concluimos então o que já sabíamos?

Não. A Investigação serve para consolidar respostas a questões, infirmar ou confirmar hipóteses mesmo que intuitivamente altamente prováveis. E neste caso, os Questionários designadamente ajudam-nos a cimentar empiricamente hipóteses de trabalho sobre a Imparcialidade no Jornalismo Desportivo – [Futebol] em Portugal.

A evolução do Futebol em Portugal como Desporto, como Indústria e como Sistema Organizacional, é extraordinária. São disso exemplo, os expoentes internacionais e mesmo mundiais de Jogadores, Treinadores, Árbitros, Dirigentes, Clubes e Selecções Nacionais. Não é por isso surpreendente que também ao nível do Conhecimento, ao nível das Interrogações, ao nível dos *Media* [programas de divulgação, de debate e de ensaio académico] e mesmo aos níveis da Investigação Universitária, até filosófica, estas questões também se coloquem.

E mesmo quando essas interrogações progressivamente mais profundas ainda não atingem níveis satisfatórios, não deixa de ser esse o caminho...

E o caminho – como escreveu o famoso poeta Machado – faz-se caminhando, como se sabe.

Sem regras?

Não!

Como atestámos desde o começo deste nosso trajecto investigacional dando a cara pelos nossos princípios ao ponto de o consagrarmos no Título desta nossa Dissertação:

Paixão Sempre...Fanatismo Nunca.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia

Albino, M. (2010) O recurso para o Tribunal Arbitral do Desporto em Lausanne e o problema do Acesso ao Direito. Uma Questão de (In)Constitucionalidade? Trabalho Final de Curso. Lisboa: Universidade Lusófona.

Arruda, A. (1977). “On the Imaginary Logic of N.A. Vasil’ev,” in *Non-Classical Logic, Model Theory and Computability*, A. Arruda, N. da Costa and R. Chuanqui (eds.), Amsterdam: North Holland, pp. 3–24.

Camponez, C. (2011) Deontologia do Jornalismo. A Autorregulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007). Coimbra: Edições Almedina

Cardoso, G.; Xavier, D.; Cardoso, T. (2007) – Futebol, Identidade e Media na Sociedade em Rede. CEA-ISCTE. Portugal

Carvalho, A. A., Cardoso, A. M. & Figueiredo, J. P. (2012) Direito da Comunicação Social, Lisboa: Texto Editores.

Costa, N.C.A. (1974). “On the Theory of Inconsistent Formal Systems,” *Notre Dame Journal of Formal Logic*, 15 (4): 497–510.

Falcão, P. (2010). *Sílvia Lima e o Desporto*. Coimbra: Edições da Universidade de Coimbra.

House of Lords. (2011). The Governance and Regulation of the BBC: House of Lords Paper 166 Session. Great Britain: Parliament: House of Lords: Select Committee on Communications, Stationery Office (Great Britain

Neves, J. (2011). Uma história do desporto em Portugal – Vol. I - Corpo, espaço e média. Vila do Conde: Quidnovi.

Raymond B. (2006) - *Sports Journalism: Context and Issues* London. Sage Publications.

SEP *Impartiality*. Stanford Encyclopaedia of Philosophy.

SEP *ParaConsistent Logic*. Stanford Encyclopaedia of Philosophy.

Tarski, A. (1944). The semantic conception of truth and the foundations of semantics. *Philos. Phenom. Res.*, 4 (1944), pp. 341–376

Tarski, A. (1983a). *Logic, Semantics, Metamathematics*, second edition, ed. by J. Corcoran. Indianapolis: Hackett.

Tarski, A. (1983b). “The Concept of Truth in Formalized Languages”, translation of Tarski 1935 by J.H. Woodger in Tarski 1983a, pp. 152–278.

Tarski, A. (1935). “Der Wahrheitsbegriff in den formalisierten Sprachen”, *Studia Philosophica*, 1: 261–405. Translation of Tarski 1933 by L. Blaustein, with a postscript added.

Artigos

Aitken, R. (2011) *Can We Trust the BBC?* London: Bloomsbury.

Aitken, R. (2013) *Can We Still Trust the BBC?* London: Bloomsbury.

Correia, H. Proceedings of 3rd Annual International Conference on Journalism & Mass Communications. JMComm 2014, Singapore.

Doyle, C. (2006) *The BBC Governors' Impartiality Review of Coverage of the Israeli-Palestinian Conflict*. London: BBC.

Foer, F. (2010) - *How Soccer Explains the World: An Unlikely Theory of Globalization*. Harper Perennial.

Grando, A. (2012) – O Princípio da Imparcialidade como Limite ao Exercício do Poder Discrecionário. *Revista de Estudos Jurídico-Políticos*.

Henriques, T. (2014) – *Jornalismo Desportivo em Portugal: Notícia ou especulação? Análise das fontes nos diários “o Jogo”, “A Bola” e “Record”*. Dissertação de Mestranda em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho

Ladeira, M. (2013) – *Jornalismo no Conflito: A imparcialidade é Possível?* *Revista Comunicando*, vol 2. Tecnologias de informação, novos media e literatura digital.

Macedo, A e Oliveira, C. (2001) - Exigência de Imparcialidade. A Criação de um Tribunal Arbitral do Desporto. *Jornal Record*.

Manha, J. (2011). Guia do Futebol Total – Grandes clubes e estádios. Lisboa: Atlântico Press

Martins, C. (2005). A Objectividade como “Dever Referencial” dos Jornalistas. In *Caleidoscópio*.: Revista de Comunicação e Cultura nº 05/06 (2004-2005) pp.143-155.

Morris, D. (1981) - *The Soccer Tribe*. Universidade de Michigan. Cape.

Oliveira, A. (2009). Uma Pequena Introdução à Lógica Moderna: Lógica Clássica, Lógica Trivalente e Lógica Fuzzy. Ji-Paraná: Universidade Federal da Rondônia.

Silva, A. (2013) – O Clubismo na Imprensa Desportiva Portuguesa. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação – Jornalismo. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

Webgrafia

Coelho, J (2004) - «Vestir a camisola» - Jornalismo desportivo e a selecção nacional de futebol. Media & Jornalismo.

Costa, Lara, (2011) - *Ser Jornalista Desportivo em Portugal*. Blog de Jornalismo Especializado, Universidade Lusófona Porto. Acedido através da Internet. URL:<http://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/37292.html>

Costa, R.; Sousa, A. (2012) – Artigo Jornalismo e Futebol. Revista Noticias TV. Diário de Noticias. URL: <http://www.mynetpress.com/pdf/2012/abril/201204132b6e75.pdf>

Cunha, L. (2015) - Jornalismo Especializado. Emoção e imparcialidade no jornalismo desportivo. In Jornalismo Especializado Blog de Jornalismo Especializado. Universidade Lusófona Porto. URL <http://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/36696.html>

Filho, G. (2008) – Ineficiência (Parte 4), Teste Exato de Fisher URL:<http://pt.slideshare.net/regisandrade/cap8-parte-3-teste-exato-de-fisher-presentation>

Martins, C. (2011) A Intervenção da ERC e os deveres dos jornalistas. 7 Media Policy and Regulation: Activating Voices Illuminating Silences. pp 327-337. In http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/viewFile/1705/1641

Silva, Joana (2011), *Jornalismo Desportivo na Boca dos Portugueses*, Blog de Jornalismo Especializado, Universidade Lusófona Porto. Acedido através da Internet. URL: **<http://jornalismoespecializado.blogs.sapo.pt/34948.html>**

Silva, P., Gomes, PB., Queirós, P. - Educação Física, Desporto e Género: o caminho percorrido na Faculdade de Desporto. Universidade do Porto URL: **<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2890>**

Soares, J. (2001) - A investigação em ciências do desporto. Revista Portuguesa de Ciências do Desporto. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Universidade do Porto.

ÍNDICE REMISSIVO

- “nossa selecção”, 29
“nossos jogadores”, 29
1985, 17
26 de Novembro de 1949, 17
3o Não Excluído, 53
A Bola, 17, 33, 34, 76, 104, 126
à minha avó, 5
à minha filha, 5
à minha namorada, 5
a paixão do futebol, 16
a selecção de todos nós, 29
abordagem metodológica, 10
abordagens tradicionais de dominação
 masculina, 21
Abstract, 15
ABSTRACT, 8
adepto, 17, 29, 37, 38, 51, 53, 54, 56,
 60, 102, 109, 113, 127
Adepto, 11, 15, 37, 53, 57, 99, 102, 111,
 127
Adrien, 49
Agradecimentos, 15
AGRADECIMENTOS, 6
Aitken, 14, 75
Anexos, 15
ANEXOS, 89
antigos jogadores e dirigentes, 31
ao meu irmão, 5
aos meus pais, 5
Apêndices, 15
APÊNDICES, 87
aproximação metodológica, 14
aproximações metodológicas oriundas
 da antropologia, 14
aquisição de bens de consumo, 21
Aristóteles, 13
Barry, 22
BBC, 14, 26, 28, 38, 71, 75, 76
Benfica, 11, 31, 33, 34, 37, 47, 48, 49,
 51, 52, 53, 54, 59, 60, 92, 98, 107,
 108, 109, 111, 112, 113, 115, 119,
 120, 122, 125
Benfica TV, 11, 98
Benhabib, 21
Bernard Gert, 20
BIBLIOGRAFIA, 75
Bob Marley, 10
Bola Branca, 31
Booleana, 53, 54
Bruno Prata, 34, 108, 112, 115, 116,
 121, 123, 124, 126
Carcavelos, 16
CARDOSO, G, 34
Carlos Daniel, 33, 34, 38, 115, 119,
 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126
Carlos Queiroz, 11, 96, 97
Caso Cerveja SAGRES, 51
Caso Record, 11, 103

Caso Sagres, 12, 128
 Casos, 14, 46, 71
 casos emergentes do nosso quotidiano,
 11
 ciências sociais e humanas, 14
 Classical logic, 55
 clube, são muitas as críticas que se
 ouvem no “dia seguinte” pelos
 “treinadores, 30
 clubes, 27, 29, 31, 32, 33, 34, 36, 37,
 48, 49, 77, 106, 108, 124, 125
 clubismo gratuito, 35
 clubista, 11, 100, 101, 123, 125
 código deontológico, 36, 40, 41, 48, 106
 Código Deontológico, 17
 CÓDIGO DEONTOLÓGICO, 40
 Código deontológico do jornalista, 10
 Comentador, 11, 36, 37, 99
 Comentadores, 36, 37, 106
 comentadores adeptos, 37
 Comentadores Imparciais, 37
 COMO GERIR a IMPARCIALIDADE,
 29
 conceito da imparcialidade, 25
 conceito de imparcialidade, 25, 26
 concepção liberal, 21
 concepções liberais de neutralidade, 21
 Conclusões, 15
 CONCLUSÕES, 71
 Conselho Deontológico do Sindicato
 dos Jornalistas, 40
 consequencialismo, 22
 Consequencialismo, 23
 consequentialistas, 23
 contactos telefónicos, 31
 Contratualização Social, 13
 conversas entre amigos, 11
 Correio da Manhã, 6, 127
 Cristiano Ronaldo, 48, 105
 Criticos feministas, 21
 debates televisivos, 11
 decisão imparcial, 23
 Dedicatória, 15
 DEDICATÓRIA, 5
 Deep BackGround, 32
Definições Ostensivas, 11
 Deontologia, 13
 Departamento de Desporto, 6
 Desmond Morris, 54
 Dia Seguinte, 37, 111
 Diário de Noticias, 17, 33, 76
 dinheiro para manipular a sua equipa,
 23
dirigentes, 31, 32, 91, 114
 Dissertação, 7, 15, 74, 76, 77
 Dissertation, 8
 Doyle, 14, 76
Eduardo Barroso, 37
empresários, 31, 32
 Entidade Reguladora para a
 Comunicação Social, 41
 ERC, 43, 45, 77
 escassez de dados, 14
 Estágios na Rádio Renascença, 6
 ESTRUTURA da DISERTAÇÃO, 15
 Estudos de Caso, 14
 etnologia, 14
 Europa, 16, 32

Eventos, 12
 Exercício informal de Lógica, 53
 exigências da justiça, 23, 24
 Facebook, 49, 51, 108, 110, 120
Família, 6
familiares, 31
Fernando Seara, 37, 111
 Ferreira. B, 17
 fintas-fora-de-campo, 11, 104
 Fisher, 67, 68, 72, 76
FONTES, 31
 Football, 8
 futebol, 16, 17, 27, 28, 29, 33, 34, 36, 48, 51, 64, 71, 72, 75, 90, 92, 96, 101, 104, 105, 106, 112, 114, 116, 118, 119, 121, 124
 Futebol, 1, 3, 7, 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 34, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 56, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 91, 96, 97, 104, 106, 115
 FUTEBOL, 33, 104
 golo do Belenenses, 51
 golo do Benfica, 47
 golo dos encarnados, 47
 governo imparcial, 21
 Grando, 25, 76
Guilherme Aguiar, 37
 HENRIQUES, T, 32
 HENRIQUES.T, 65
 herói italiano, 23
Hiroshima, 45
 Hobbes, 21
 House of Lords, 14, 76
 Hume, 13
 Imparcial, 11, 72, 102
 imparcialidade, 7, 10, 12, 14, 15, 19, 21, 22, 23, 25, 27, 29, 30, 34, 36, 37, 40, 49, 51, 56, 62, 65, 68, 72, 76, 77, 98, 101, 105, 114, 116
 Imparcialidade, 1, 3, 6, 7, 10, 12, 13, 15, 19, 20, 22, 37, 46, 51, 52, 56, 71, 72, 74, 76, 77, 96
 Imparcialidade) nos Eventos, Programas e Coberturas, 12
 imparcialidade jornalística desportiva, 7
 imparcialidade liberal, 22
 Imparcialidade no Jornalismo Desportivo, 1, 3, 6, 7, 12, 13, 19, 56, 71, 72, 74
Imparciality, 12
 Impartiality, 8, 19, 76, 77
 Inconsistency, 55
independência, 14, 41, 71, 93
 Índice, 9, 15
 Índice Geral, 9
 Índice Remissivo, 15
 ÍNDICE REMISSIVO, 86
 Indiferença, 13
 individualista, 21
 informação, 10, 20, 28, 29, 32, 41, 42, 48, 49, 64, 77, 108, 109, 127
 ingredientes de imparcialidade, 11
 INTRODUÇÃO, 10
 isenção, 11, 12, 27, 28, 36, 37, 100, 101, 113, 114, 124, 125
 Janeiro de 1945, 17
 João Braga, 48

João Govern, 47, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 124, 127
 JOÃO GOVERN, 47, 107, 120, 127
 João Ricardo Pateiro, 11, 36, 100, 101, 104, 105
João Rosado, 38
jogadores, 23, 29, 31, 32, 36, 92, 96, 101, 104, 114
 jogo internacional, 16
 jogo nacional, 16
Jorge Batista, 38
 Jorge Perestrelo, 11, 36, 100, 101
 jornais desportivos, 11, 17, 18, 30, 33, 34, 48, 49, 50, 64, 65, 106
 Jornal Record fora de Alvalade, 49
 jornalismo, 10, 15, 16, 17, 23, 25, 27, 28, 29, 32, 34, 48, 49, 50, 62, 65, 67, 68, 72, 76, 101, 104, 106
 Jornalismo, 1, 3, 6, 7, 12, 13, 17, 19, 25, 27, 29, 56, 61, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 104
 Jornalismo Desportivo, 7, 12, 13, 19, 25, 27, 29, 61, 68, 71, 73, 76, 78
 Jornalista, 6, 11, 36, 37, 75, 99, 116
 jornalista desportivo, 16, 17, 27, 28, 29, 31
jornalistas, 10, 11, 16, 27, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 40, 48, 50, 62, 64, 68, 72, 100, 101, 104, 106, 114
 jornalistas da Rádio, 11, 100, 101
 José Gabriel Quaresma, 35
 José Mourinho, 17
 Journalism, 8, 75, 77, 103
 Justiça, 13, 22
 Kagan, 23
 Kant, 13
 Knightley, 48
 Ladeira, M., 25, 77
 LADEIRA, M., 48
 Leitores, 15, 61
 Leonardo Jardim, 31, 49
 levantar do braço a festejar, 47
 liberais, 21, 22
 Liberalismo, 13
 Licenciatura em Ciências da Comunicação e da Cultura, 6
 Liga Portuguesa, 49, 51
 Liga Zon Sagres, 49
 Lista de Siglas e Acrónimos, 15
 locutor, 28
lógica adepta, 53, 72, 127
 Lógica Adepta, 53, 54, 55, 57, 59, 60
 LÓGICA ADEPTA, 53
 LÓGICA do ADEPTO, 9
 Lógica ParaConsistente, 56
 Lógica Trivalente, 55, 77
 Lógicas Deônticas, 53
 Lógicas Intuicionistas, 53
 Luís Freitas Lobo, 11, 38, 90, 91
Mann-Whitney, 67, 68, 72
 Manuel Fernandes Silva, 27, 115
Manuel Serrão, 37
 Manuel Silva, 27
 Martins, 2005, 43
 Martins, C, 77
 McCloskey, 22
 Melhores Gestores de Pessoas 2013, 41

Mestrado em Comunicação nas Organizações, 6, 10
Meu Irmão, 6
Meus Amigos, 6
Meus Avós, 6
Meus Pais, 6
Miguel Sousa Tavares, 37
 Mill, 23
 modelações estatísticas, 14
 Moralidade, 13
 moralmente imparcial, 22
 Mundial, 11, 96
 nacionalista, 16
 Nagel, 21, 22
 Necessidade, 55
 Newton da Costa, 55
 NOTÍCIAS TV, 33
 O Jogo, 17, 33, 34, 104, 105, 106
 O Norte Desportivo, 17
 O Ponto de Vista dos LEITORES, 64
 O Ponto de Vista dos PROFISSIONAIS, 62
 o problema da Imparcialidade no Jornalismo, 7, 12
 O problema da neutralidade, 21
 O PROBLEMA OBJETIVOS e METODOLOGIA, 11
objectividade, 14, 26, 33, 37, 38, 48, 71, 72
 Operadores geradores, 54
 Operadores Moldais, 55
ostensive definitions), 11
PAIXÃO SEMPRE... FANATISMO NUNCA, 1, 3
 Paixão Sempre...Fanatismo Nunca, 74
 para-consistência, 55
 PARCIALIDADE, 27
 Parcialidade / Imparcialidade, 12
 parcialidade *clubística*, 42
 parcialidade de *confissão religiosa*, 42
 parcialidade de *género*, 42
 parcialidade *exclusiva*, 42
 parcialidade *rácica*, 42
 Paulo Ferreira, 41, 42
 Pedro Henriques, 11, 90, 91
 Pettit, 23
 Plano de Investigação, 14
 poder dos clubes, 16
 poeta Machado, 74
 popularidade, 30
 Porto, 33, 34, 36, 37, 75, 76, 78, 92, 104, 105, 106, 116, 121, 122, 124
 Portugal, 7, 15, 16, 17, 18, 29, 30, 32, 33, 35, 40, 41, 42, 48, 49, 51, 61, 62, 74, 75, 76, 77, 94, 96
 posição clubística, 33, 34
 posições sociais dominantes, 21
 Possibilidade, 55
 privacidade dos cidadãos, 40
Professor Doutor Jorge Bruno Ventura, 6
Professor Doutor Manuel Costa Leite, 6
 Programas, 12
 Prolongamento, 37
 publico em geral, 26, 33
 qualitativa, 14

questionários, 10, 34
 Questionários, 14, 15, 61, 74
 rádio, 28, 29, 32, 37, 104, 105
 Rádio Renascença, 31, 104, 106
 Railton, 23
 Rawls, 13, 20, 21
 Raz, 22
 Real Ginásio Clube Português, 16
 realização pessoal, 21
 Recolha de Opiniões, 61
 Record, 17, 32, 33, 34, 48, 49, 64, 76, 77, 126
 RECORD, 48
 Regulação, 42, 45
 Resultados, 61
 RESUMO, 7
 RTP, 27, 38, 42, 47, 107, 108, 109, 114, 116, 117, 121, 122, 123, 124, 126
Rui Gomes da Silva, 37
Rui Oliveira Costa, 37
 Rui Patrício, 12, 51, 52, 128
 RUI PATRÍCIO, 51, 128
 Rui Santos, 38
 Sagres, 49, 51, 106, 128
 século XIX, 72
 século XX, 72
 Selecção, 29, 51, 52
 selecção nacional, 29, 30, 34, 75
 Selecção Nacional, 29, 51
 SEP, 12, 13, 19, 55, 56, 77
 SILVA, A, 33, 34
 Silva. J, 16, 17
 Simone Farina, 23
 Sindicato dos Trabalhadores das Telecomunicações,, 41
 Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações e Audiovisual,, 41
 Smart, 23
 Sport, 8, 15, 37, 38, 48, 51, 104, 105
 Sporting, 31, 33, 36, 49, 51, 53, 54, 59, 92, 109, 113, 128
 Sports Journalism, 8
 Stanford Encyclopaedia of Philosophy, 19, 77
 Stanford Encyclopedia of Philosophy,, 12
 Stuart Mill, 13
 Sumário, 15
 Tabela Classificativa, 11
 Tabelas Classificativas *da Verdade*, 71
 Tabelas de Verdade, 38
 Tarski, 72, 78
 televisão, 28, 29, 104, 105, 108, 122
 teoria neutral do bem, 21
 teorias liberais, 21
 teorias sociais e políticas, 21
 Terceiro Excluído, 55
 Tese de Mestrado, 6
 The fact of pluralismo, 21
 The original position, 21
 Third Latin America Conference on Mathematical Logic, 55
 Thomas Nagel, 20
 trabalho jornalístico comum, 28
treinadores, 27, 31, 49, 92, 106
 Trio de Ataque, 37, 111, 123, 125

um jornalismo vendido, 35

Valdemar Duarte, 38

verdade, 14, 25, 26, 38, 48, 53, 54, 57,
58, 59, 71, 72, 117

Verdade Desportiva, 38, 71

véu da ignorância, 20, 21

visibilidade, 30, 105, 125

Webgrafia, 15

William Carvalho, 49

X Congresso, 11, 104

Young, 20

APÊNDICES

Folhas do Questionário



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO IMPARCIALIDADE NO JORNALISMO DESPORTIVO_VERSÃO I

Este questionário serve para perceber a temática "Imparcialidade no Jornalismo Desportivo", e faz parte da investigação conducente ao grau de Mestre em Comunicação nas Organizações.

Assinale com uma X o quadrado correspondente à resposta que está mais de acordo com a sua opinião, ou escreva a sua resposta na linha que surge a seguir à pergunta (caso se aplique). Caso se engane, risque completamente o quadrado "errado" e assinala o quadrado que escolheu com uma cruz. Os dados serão tratados com confidencialidade.

É muito importante que responda a todas as perguntas!

Muito obrigado por participar!

1. Qual é a sua data de nascimento?

01, 11, 1969
(dia / mês / ano)

2. É... ☒ Homem ☐ Mulher

3. Idade: 45

4. Profissão? JORNALISTA

5. Gosta da profissão que faz?

a) Sim ☒
b) Não ☐

6. Há quanto tempo exerce a sua profissão?

a) 10 - 20 anos ☒
b) 20 - 30 anos ☐
c) 30 - 40 anos ☐



QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO
IMPARCIALIDADE NO JORNALISMO DESPORTIVO_VERSÃO II

Este questionário serve para perceber a temática "Imparcialidade no Jornalismo Desportivo", e faz parte da investigação conducente ao grau de Mestre em Comunicação nas Organizações.

Assinale com uma X o quadrado correspondente à resposta que está mais de acordo com a sua opinião, ou escreva a sua resposta na linha que surge a seguir à pergunta (caso se aplique). Caso se engane, risque completamente o quadrado "errado" e assinala o quadrado que escolheu com uma cruz. Os dados serão tratados com confidencialidade.

É muito importante que responda a todas as perguntas!

Muito obrigado por participar!

1. Qual é a sua data de nascimento? 15/09/1990
(dia / mês / ano)

2. É... ☒ Homem ☐ Mulher

3. Idade: 25

4. Profissão? operador de caixa na Worten

5. Costuma ler jornais desportivos?

- a) Sim ☒
b) Não ☐

6. Qual é o jornal desportivo que costuma ler?

- a) Record ☐
b) Abola ☐
c) Jogo ☒

ANEXOS

ANEXO 01

Luís Freitas Lobo

- “O comentador Luís Freitas Lobo e Pedro Henriques descrevem acontecimentos como eles acontecem, mas muitas vezes apelam ao comentário emocional em abuso e técnico”

LUIS FREITAS LOBO

<http://www.maisfutebol.iol.pt/futebol-com-todos-sobre-o-luis-freitas-lobo>

ANEXO 02

Pedro Henriques

- “O comentador Luís Freitas Lobo e Pedro Henriques descrevem acontecimentos como eles acontecem, mas muitas vezes apelam ao comentário emocional em abuso e técnico”

Ex-Árbitro Pedro Henriques em Entrevista

14:46 [Entrevistas](#) [No comments](#)



O ex-árbitro da LIGA, Pedro Henriques, que já foi eleito o melhor árbitro dos campeonatos profissionais e considerado por alguns como um dos grandes valores da arbitragem nacional aceitou conceder uma entrevista em exclusivo ao ArbiFute. O agora comentador televisivo sente-se revoltado com a atitude que alguns dirigentes da arbitragem tiveram para com ele e pede mesmo a demissão do Presidente do Conselho de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol, Carlos Esteves. Recorde-se que Pedro Henriques foi despromovido à 2ª divisão nacional na época 2009/2010 e por esse motivo abandonou a carreira de árbitro.

Nome: Pedro Jorge Henriques

Profissão: Oficial do Exército

Idade: 44

Qual o melhor momento que viveu na arbitragem?

Pedro Henriques (PH): Subida aos quadros nacionais (1995)

Subida à 1ª Categoria (2001)

Primeiro jogo que arbitrei entre o Benfica e o Sporting (2006)

Consegue eleger aquele que foi o melhor jogo que arbitrou?

PH: Porto - Sporting em 2007

Que tipos de jogadores mais trabalho lhe davam?

PH: Todos aqueles que em vez de se preocuparem com as indicações técnicas e táticas dos seus treinadores estavam mais preocupados com as minhas decisões e também aqueles jogadores que eram agressivos e violentos na sua conduta e comportamentos, os nomes desses jogadores por questões de ética não vou obviamente revelar.

Se fosse hoje voltaria a inscrever-se no curso de arbitragem?

PH: Claro que sim, tive tanto prazer em arbitrar ao longo destes 20 anos de carreira que voltaria a inscrever-me de novo, não há nada melhor na vida que as coisas que nós fazemos por paixão, e esse foi sempre o principal motivo que me fez “mover” na arbitragem.

Como aparece um Major do Exército na Arbitragem?

PH: Apareci na arbitragem ainda era Alferes, saí da arbitragem como Tenente Coronel, iniciei esta minha carreira de árbitro porque tirei os cursos de árbitro e treinador de Futebol e de Futsal, para poder estar a nível do Exército como responsável nestas modalidades pelas respectivas equipas militares, no fundo foi para adquirir mais e melhores competências.

Como tem visto a arbitragem desta época?

PH: Muita juventude, alguma inexperiência, mas a mesma vontade que todas as gerações de árbitros tem ao longo dos anos, que querem fazer bem, decidir em quantidade e qualidade de forma acertiva, contribuindo para um futebol positivo.

Porque é que decidiu abandonar quando ainda lhe faltava 1 ano para o limite?

PH: A classificação que obtive foi determinante para tomar a decisão de abandonar a arbitragem, atingi um patamar que não é compatível com o lugar que me atribuíram, e como eu sempre fui independente moralmente e intelectualmente em relação ao futebol, ao contrario de outros não fiquei nem agarrado ao sector nem ao estatuto nem a nada, digamos que me desliguei pura e simplesmente deste subsistema que é a arbitragem.



O Pedro só não foi internacional

porque a idade não o permitiu, depois de grandes épocas, foi eleito o melhor árbitro, como se vive um momento de despromoção?

PH: Com a mesma atitude que vivo a vida ou seja de forma positiva optimista, esquecendo o passado por muito recente que seja e abraçando os novos projectos e propostas olhando única e exclusivamente para o futuro, sendo fiel aquela máxima que diz "... A vida pode-nos derrubar e isso não depende de nós, mas é nossa a opção e a vontade de nos voltar a erguer ..."

Agora que o seu nome não aparece nas nomeações, de que é que sente mais falta?

PH: O que vivi foi vivido com tanta intensidade e paixão que neste momento não sinto falta de absolutamente nada, raramente sinto falta do que já tive ou vivi, normalmente sinto falta do que ainda tenho e quero viver.

Como vê a gestão da arbitragem feita por Vítor Pereira?

PH: Boa gestão, sob o ponto de vista das suas competências técnicas, administrativas e logísticas, menos boa a sua gestão, naquilo que é a defesa pública dos árbitros e da arbitragem, ou seja, falta-lhe ainda algo, para passar de excelente chefe que já é, a um bom líder que ainda não conseguiu ser.

O que falha na arbitragem nacional?

PH: A profissionalização, a unificação dos conselhos de arbitragem, a independência entre quem nomeia e quem avalia e alguém que possa lidar com a comunicação social de forma periódica para falar, esclarecer e comunicar a propósito das questões da arbitragem.

Qual a sua opinião sobre a profissionalização dos árbitros?

PH: Fundamental para o sector melhorar a todos os níveis incluindo o da credibilidade do próprio sector da arbitragem.



Existe condições para os árbitros abdicarem das suas carreiras profissionais para de dedicarem apenas à arbitragem?

PH: Neste momento não, tudo tem de passar por alterações profundas ao nível das leis laborais que tem de ser criadas especificamente para aquilo que seria uma arbitragem profissional, no actual panorama, é mais compensador e seguro ser “amador”

Jogos arbitrados por estrangeiros acabariam muitas polémicas em Portugal?

PH: Mudança de mentalidade, postura e comportamento dos portugueses, em relação ao desporto em geral e ao futebol em particular, isso sim, reduziria efectivamente muitas das polémicas.

Apitou muitos jogos, teve muitos troféus, o que faltou na sua carreira?

PH: Terminar a minha carreira, com a dignidade, que eu, por tudo o que fui e que fiz, merecia e tinha direito.

Neste momento é comentador televisivo, não tem projectos ou propostas da arbitragem?

PH: Tive propostas quer da Liga quer da minha Associação, que rejeitei, por razões obvias, pois se queriam que eu trabalhasse com eles em termos de futuro, e a um ano de terminar a minha carreira de 20 anos de árbitro, deveriam ter feito as coisas de forma diferente, por isso perderam definitivamente o Pedro Henriques para “trabalhar” com e para a arbitragem.

Uma palavra para:

Carlos Esteves (presidente CA FPF): PH: Demita-se

Vítor Pereira (presidente CA LPFP): PH: Continue porque tem competência, mas não se esqueça que ser chefe não é o mesmo que ser Líder.

Arbitragem Nacional: PH: Coragem e determinação.

APAF: PH: Com o Luís Guilherme, está no bom caminho.

Futebol Português: PH: Tem muita qualidade mas precisa de se reorganizar rapidamente.

ANEXO 03

Carlos Queiroz

- “Carlos Queiroz depois do Mundial teve sempre a imprensa a culpá-lo no caso do controlo anti-doping”

A Autoridade de Anti-dopagem de Portugal, suspendeu, o antigo seleccionador português, Carlos Queiroz, por seis meses depois de perturbar o controlo anti-doping no estágio da selecção portuguesa antes do Mundial 2010, não mostrando desta forma Imparcialidade relativamente a este método utilizado no Futebol e no desporto em geral.

No entanto, Carloz Queiroz, numa entrevista à revista “Sábado”, veio reivindicar que “Não, não tentei. O episódio aconteceu, mas não da forma manipulada e trabalhada como os senhores doutores o fizeram passar. O incidente aconteceu por várias coisas. A primeira foi estar no local errado à hora errada. Se não tivesse comido as magníficas alheiras e moelas que me tinham oferecido na véspera, não tinha tido uma noite azeda e não estaria no campo às 7h da manhã. Foi quando os médicos do controlo antidoping chegaram. Os jogadores estavam a dormir e precisavam de descansar para o jogo contra Cabo Verde. E, com a azia das alheiras, às 7h vêm-me dizer que vão acordá-los. Se reagi da melhor forma? Não. Como já estava readaptado ao futebol português, mandei umas bocas. Não foram agradáveis mas, caramba, o futebol não é um salão de baile. Só me apercebi deste incidente quando estava na minha reserva em Moçambique, depois do Mundial. Recebi uma chamada a informar-me que Portugal estava a arder porque eu tinha ofendido um tipo do anti-doping. Eu nem me lembrava!”

As afirmações anteriores foram refutadas por alguns funcionários do hotel e staff federativo, que mencionaram que o ex seleccionador, Carlos Queiroz, muitas vezes era imparcial nas decisões atitudes que tomava.

Tratou-se de um caso inédito na Federação Portuguesa de Futebol, visto que as visitas das brigadas antidoping às concentrações das equipas estão previstas na legislação que refere “que condutas que, por acção ou omissão, impeçam ou perturbem a recolha de

amostras no âmbito do controlo de dopagem podem ser punidas por sanções disciplinares e também coimas”.

Na entrevista à revista “Sábado”, Carlos Queiroz, refere que a Federação Portuguesa de Futebol não foi correcta e leal, visto que começaram por oferecer 250 mil euros e chegaram mesmo a um milhão de euros para o seleccionador se retirar do cargo de treinador.

ANEXO **04**

Benfica TV

- “A Benfica TV nos comentários durante os jogos do Benfica crucifica, muitas vezes os árbitros, dizendo que os mesmos prejudicam o Benfica”

BENFICA TV - IMPARCIALIDADE

<http://planetaslbenfica.blogspot.pt/2013/08/antonio-tadeia-coloca-em-causa.html>

<http://futebolonline.pt/2013/08/sport-tv-garante-imparcialidade-depois-de-perder-jogos-do-benfica/>

<http://www.reflexaoportista.pt/2013/06/o-fanatismo-cego-e-doentio-da-benfica-tv.html>

ANEXO 05

Jornalista e Comentador

- [A diferença entre Jornalista e Comentador] “Jornalista e Comentador não são a mesma coisa”.

Jornalista, Comentador e Adepto são três condições diferentes que o CASO GOVERN permite exemplificar

➔ CASO GOVERN

<https://www.youtube.com/watch?v=xi0GNtABjXU>

Ler mais em: **http://www.cmjornal.xl.pt/tv_media/detalhe/joao-govern-dispensado-da-rtp-com-video.html**

ANEXO 06

Jorge Perestrelo

- “O falecido Jorge Perestrelo e o João Ricardo Pateiro, que escreve músicas e depois canta-as quando um jogador marca, são dois exemplos de jornalistas da Rádio que confessaram a sua cor clubista, mas que relatam todos os jogos com isenção”

<http://www.tsf.pt/arquivo/2005/desporto/interior/jorge-perestrelo-marcou-um-estilo-em-portugal-750314.html>

<http://observador.pt/2015/05/06/ha-dez-anos-calava-voz-do-ripa-na-rapaqueca/>

<http://www.cmjornal.xl.pt/domingo/detalhe/foi-no-brasil-que-aprendi-a-chorar.html>

ANEXO 07

João Ricardo Pateiro

- “O falecido Jorge Perestrelo e o João Ricardo Pateiro, que escreve músicas e depois canta-as quando um jogador marca, são dois exemplos de jornalistas da Rádio que confessaram a sua cor clubista, mas que relatam todos os jogos com isenção”

Conforme a tese “Reflexão Jornalística sobre o Relato Desportivo”, o jornalista João Ricardo Pateiro, conhecido pelas músicas que escreve para os jogadores que marcam golos todos os fim-de-semanas, afirma que não existe tanta carga emocional no trabalho jornalístico. O jornalista da TSF compara um relato de futebol, a um acontecimento e excitação de uma noite eleitoral, onde para este a diferença está em que todos os “fim-de-semana há eleições”. No entanto é interessante e tendo em consideração a temática da imparcialidade no jornalismo desportivo, João Ricardo Pateiro reconhece que muitas vezes no calor dos jogos, recorre ao sensacionalismo.

[http://run.unl.pt/bitstream/10362/10892/1/Tese%20Mestrado%20Jo%C3%A3o%20Nunes%20\(1\).pdf](http://run.unl.pt/bitstream/10362/10892/1/Tese%20Mestrado%20Jo%C3%A3o%20Nunes%20(1).pdf)

ANEXO 08

Adepto e o Imparcial

- Dois formatos de comentadores: Adepto e o Imparcial

<http://oadepto.blogs.sapo.pt/a-1a-intervencao-d-o-adepto-292>

<http://relvado.aeiou.pt/diversos/adepto>

<https://adeptosimparciais.wordpress.com/>

<http://foradejogo08.blogspot.pt/2014/02/imagem-um-adepto-imparcial-e-assim.html>

http://serbenfiquista.com/blog_post/rui-santos-o-imparcial

ANEXO **09**

Caso Record

- Caso Record

BIB:

Correia, H. Proceedings of 3rd Annual International Conference on Journalism & Mass Communications. JMComm 2014, Singapore.

ANEXO 10

X CONGRESSO de FUTEBOL:

Jornalistas Desportivos e as Fintas Fora de Campo

- <http://jpn.up.pt/2014/04/23/x-congresso-de-futebol-jornalistas-desportivos-e-as-fintas-fora-de-campo/>

X Congresso de Futebol: Jornalistas desportivos e as fintas fora de campo

Por [Francisco Sebe](#), [Diogo Azeredo](#) e [Francisco Sebe - jpn@c2com.up.pt](#)

Publicado: 23.04.2014 | 20:23 (GMT)

Marcadores: [Desporto](#), [Futebol](#), [Jornalismo](#), [Media](#)

Na conferência “Falar, Ver, Ouvir, Comentar”, integrada no programa do X Congresso de Futebol do ISMAI, nomes sonantes da rádio, televisão e imprensa portuguesas discutiram o estado do jornalismo desportivo.

No primeiro dia do X Congresso de Futebol e em debate moderado pelo docente do Instituto Superior da Maia ([ISMAI](#)), Nuno Teixeira, foram vários os intervenientes de diversos órgãos de comunicação social a marcar presença: Fernando Santos, do Jornal de Notícias, Tiago Girão, do Porto Canal, Fernando Eurico, da Antena 1, João Ricardo Pateiro, da TSF, Rui Orlando, da Sport TV, Carlos Machado, do jornal O Jogo, Carlos Vara, do jornal A Bola, e Pedro Azevedo, da Rádio Renascença.

Com Nuno Teixeira a lançar o tema “Cariz pedagógico das palavras dos jornalistas” para a mesa, Fernando Santos foi o primeiro a intervir. O jornalista do JN recordou o passado do futebol português e recuou ao tempo em que “os patrocinadores anunciavam os prémios dos jogadores no início do jogo” e os “jornalistas desportivos não tinham carteira profissional”. Santos salientou ainda que “a progressão jornalística significa mais profissionalização e necessidade de especialização”.

E quando não se joga com os pés?

Em resposta a uma pergunta de um elemento da audiência, o painel de convidados considerou que os órgãos de comunicação não dão a importância devida a outras modalidades, porque estas não prendem o interesse do público do mesmo modo que o futebol. Fernando Santos dá o exemplo de Aurora Cunha, que quando ganhou uma medalha foi capa de jornal, algo que resultou numa queda abrupta das vendas da edição desse dia do jornal O Jogo, onde trabalhava na altura.

João Ricardo Pateiro aproveitou a definição de “indústria” atribuída por Fernando Santos ao futebol atual, para falar das suas conhecidas canções. Depois de cantar a música que adaptou para Cristiano Ronaldo, Pateiro admitiu que ter introduzido as canções nos seus relatos foi “um modo muito *sui generis* de cativar bastante público feminino e crianças a ouvir a narração dos jogos por rádio” e que, “modéstia à parte, as canções deram mediatismo e visibilidade ao relato. Já são uma imagem de marca do relato”. O relator da TSF referiu também o papel pedagógico que o jornalista deve ter quando relata um jogo, ajudando a interpretar os lances de modo imparcial.

Tiago Girão é da mesma opinião. “Apesar de todos sabermos que o Porto Canal trabalha para um clube, há que manter a noção pedagógica, mesmo que tenhamos consciência de que por vezes falhamos no aspeto da imparcialidade”, reconhece o jornalista. Girão mostrou-se “totalmente a favor da especialização”. O jornalista lembrou o tempo que passou na SIC e disse que “as pessoas que faziam desporto tinham a capacidade de fazer muitas outras coisas”.

A importância da narração do jogo

O relato no serviço público foi um dos assuntos que Fernando Eurico abordou. O jornalista refere que os relatos da Antena 1 têm de “estar ligados a um formalismo que não é tão marcado em outras rádios”. Ainda assim, admite que muitas vezes surge a vontade de inovar e “fazer o que se acha melhor”. “Já sou conhecido como o Che Guevara da rádio”, refere Eurico.

A palavra passou para Rui Orlando, da Sport TV, que salientou a importância da televisão para esclarecer situações durante os jogos. O jornalista, fortemente elogiado pelo painel de convidados da conferência, realçou a capacidade descritiva que um jornalista radiofónico tem de adquirir e a necessidade de se conhecer bem as leis de jogo, de modo a proporcionar a telespectadores e ouvintes uma descrição fiel dos acontecimentos.

O que está “em jogo” no dia 2

Esta foi a conferência dedicada ao jornalismo desportivo na décima edição do Congresso de Futebol ISMAI +10, que decorre no auditório do ISMAI. Nesta quinta-feira, o segundo dia de congresso contará com a participação do presidente do FC Porto, Jorge Nuno Pinto da Costa, vários treinadores da Liga ZON Sagres, Joaquim Evangelista, e encerrará com a intervenção do professor Manuel Sérgio, na conferência “Para um Futebol do futuro”.

O papel actual da imprensa no futebol

Carlos Machado e Carlos Vara abordaram o papel actual da imprensa no futebol, apresentando opiniões algo distintas. Machado considera que as “plataformas digitais tornaram os jornais um pouco ultrapassados” e que “está-se constantemente a matar as manchetes de amanhã”. Já Vara diz que “os jogos de palavras” são um trunfo para a sobrevivência dos jornais e que estes “não estão a morrer”. Quanto à cadência clubística dos jornais desportivos, Carlos Vara julga que é algo que “decorre de associações e ideias antigas”. Carlos Machado não deixou passar a oportunidade para constatar que o papel dos assessores dos clubes mudou muito. O jornalista d’O Jogo diz que, hoje em dia, os assessores funcionam como barreira à publicação de determinadas notícias e não como mediadores, como antes.

Comentadores que estão sempre sujeitos a crítica

As intervenções dos convidados terminaram com Pedro Azevedo, que, à semelhança de outros convidados, falou da importância dos media na imagem que o futebol transpõe para o público. “O cumprimento do código deontológico por parte dos jornalistas e o ‘saber ver e ouvir’ são factores de grande importância” nesse aspeto. O editor de desporto da Rádio Renascença referiu ainda que a estação onde trabalha é o único órgão do país com comentadores desportivos de nível IV UEFA Pro. Comentadores que estão sempre sujeitos a crítica, pois “pisam o risco do polémico na hora de comentar determinadas decisões ou casos no jogo”.

ANEXO 11

Caso JOÃO GOVERN

- Caso João Govern

João Govern

CASO

[01]

Jornal PÚBLICO

TELEVISÃO



João Govern dispensado pela RTP depois de ter festejado golo do Benfica

TELEVISÃO

João Govern dispensado pela RTP depois de ter festejado golo do Benfica

FILIPE ESCOBAR DE LIMA 03/04/2012 - 21:37

Govern no momento do golo do Benfica DR

189

Partilhar no Facebook

Partilhar no Twitter

Partilhar no Google+

O comentador televisivo João Govern foi nesta terça-feira dispensado pela direcção de informação da RTP, depois de ter sido filmado a festejar um golo do Benfica na última edição do programa "Zona Mista", da RTP Informação.

João Govern, que formava com Bruno Prata a dupla de comentadores residentes do programa, aproveitou um momento em que a palavra tinha sido dada a outro interveniente para espreitar os últimos minutos do Benfica-Sp. Braga num dos ecrãs do estúdio.

E na altura em que a realização o enquadrrou, ergueu o braço em sinal de contentamento para festejar o golo de Bruno César, que daria a vitória aos "encarnados".

Na sequência deste episódio, o comentador foi informado da dispensa dos seus serviços, não tendo ainda sido encontrada uma alternativa para o programa.

“Penitencio-me pelo gesto, mas é uma hipocrisia”

Ao PÚBLICO, o comentador de televisão diz que houve protestos e contestações “tanto de espectadores legitimamente ofendidos” como daqueles que iam “aproveitar a oportunidade para se vingar”.

Gobern diz que quando se apercebeu que tinha aparecido em grande plano, não havia volta a dar. E mandou um SMS a Nuno Santos, director de informação da estação, colocando o lugar à disposição.

“Na altura não estava no país e falou-me hoje [terça-feira], dizendo que a direcção de informação da RTP achava que não havia condições para eu continuar no Zona Mista”, conta Govern, que diz não se ter demitido: apenas achou que tinha de colocar o lugar à disposição para não haver constrangimentos.

Para João Govern, a situação não insustentável. “Quando fui convidado para fazer o Zona Mista, as pessoas que me contactaram sabiam qual a minha tendência clubística. E do que tenho visto ao nível de outros comentadores, inclusive aqueles que não divulgam os seus clubes, decisão essa que respeito, não vi nunca que fossem mais isentos e objectivos que eu”, analisa. “A única camisola que devia vestir era a da RTP e foi o que fiz”.

Gobern diz que o seu gesto foi fruto do momento.

“Aquilo que aconteceu foi que vimos quase toda a segunda parte do jogo no programa – e passou pelas circunstâncias do próprio jogo, de raiva e coração. Evidentemente que me penitencio de ter tido aquele gesto, mas não conheço adepto de clube nenhum que não tivesse feito aquilo...”.

Este foi o quarto ano em estúdio de Govern no Zona Mista e, segundo o próprio, ao longo desse tempo a RTP teve sempre a oportunidade de o substituir, mas nunca o fez.

“Pelo contrário, havia um depósito muito grande no Bruno [Prata] e em mim. Foi-me dito que a coisa funcionava”, desabafou.

O vídeo do festejo de João Govern

Notícia actualizada às 22h30

[02]

Jornal DIARIO de NOTICIAS.

João Govern foi dispensado da RTP Informação

PUB

O jornalista e comentador do programa 'Zona Mista' celebrou o golo da vitória do Benfica sobre o Sporting de Braga e foi apanhado por uma câmara do programa da RTP Informação.

De acordo com comunicado enviado pela RTP, o comportamento de João Govern foi "considerado inadequado pelo Diretor de Informação da RTP". "Hoje mesmo, Nuno Santos comunicou a João Govern a decisão da RTP de pôr fim à colaboração".

"O jornalista colocou o seu lugar à disposição, facto que a RTP entende sublinhar enquanto prova de carácter e boa fé", lê-se ainda na nota enviada às redações.

[03]

Jornal CORREIO da MANHÃ

João Govern 'dispensado' da RTP (COM VÍDEO) João Govern, comentador da RTP, foi dispensado pela direcção de informação da RTP, depois de no sábado, no programa Zona Mista, da RTP Informação, as câmaras o terem captado a festejar o segundo golo do Benfica frente ao Sporting de Braga. Ao que o CM apurou, Govern e a RTP tinham um acordo de colaboração, pelo que não existia necessidade de rescindir o contrato (o jornalista tem um vínculo contratual mas com a RDP, onde faz o programa Hotel Babilónia, com Pedro Rolo Duarte) que agora chega ao fim. De acordo com

informações recolhidas pelo CM, Govern colocou o seu lugar de comentador em 'Zona Mista' à disposição da direcção de informação da RTP no domingo, menos de 24 horas após a emissão do programa. Hoje recebeu uma resposta por parte da direcção de informação estação pública, que considera que não estão reunidas as condições para o comentador continuar no programa. Contactado, João Govern não fez comentários e remeteu qualquer esclarecimento para a direcção de informação da RTP. Em comunicado, a RTP confirma a notícia do CM e anuncia que "decidiu pôr fim à colaboração do jornalista e comentador João Govern no programa "Zona Mista" emitido ao Sábado à noite na RTP Informação". A nota confirma ainda o motivo, o festejo do golo, um "comportamento considerado inadequado pelo director de Informação da RTP, Nuno Santos". A RTP sublinha ainda que o "jornalista colocou o seu lugar à disposição, facto que a RTP entende sublinhar enquanto prova de carácter e boa fé". Não deixe de nos seguir no Facebook.



<https://www.youtube.com/watch?v=xi0GNtABjXU>

Ler mais em: http://www.cmjornal.xl.pt/tv_media/detalhe/joao-gobern-dispensado-da-rtp-com-video.html

[04]

Blogue de BENFIQUISTAS

Como é lógico - nesta lógica de Adepto - há umm Elogio (é mesmo o termo usado) a João Govern.

Este blogue não adopta o Acordo Ortográfico.

Tertúlia Benfiquista

Quarta-Feira, 25.02.09

Elogio de João Govern

A propósito da substituição de Fernando Seara no "Dia Seguinte", referida aqui no post do D'Arcy, queria aqui deixar a minha homenagem pública à pessoa que mais e melhor tem defendido o Benfica nas TVs generalistas - João Govern.

Na RTPN, João Govern (que até está ali creio como comentador e não como "representante do Benfica", ao contrário de Seara ou APV), tem defendido como

ninguém o Glorioso, e denunciado o "polvo", batendo-se quer contra o Bruno Pratas quer contra o suposto "moderador" do debate (cujo nome não recordo), que passa mais tempo a atacar o Govern e o Benfica do que a "moderar" o que quer que seja.

No último programa, JG denunciou um facto interessante - nesta fase decisiva do campeonato, foram marcadas 7 (sete) grandes penalidades a favor do CRAC nas últimas jornadas, algumas delas duvidosas ou inexistentes - isto perante os ataques cerrados e concertados do Pratas e do "moderador", que quase não o deixavam falar.

Creio que seria muito interessante ver JG no "Trio de Ataque", programa de maior audiência que o espaço onde agora intervém.

Por Artur Hermenegildo às 11:48 | [link do post](#) | [comentar](#)

[05]

Blogue

CATEDRAL da LUZ

João Govern, o festejo, e o aproveitamento lírico-dramático de Bruno César

por Lourenço Cordeiro, Seg 02/Abr/12

Eu, por acaso, achei este post, moralista e mesquinho, passe o pleonismo, muito útil: não fazia ideia de que o João Govern era do Benfica. Até porque minutos depois deste acontecimento que o André Azevedo Alves fez o favor de denunciar à pátria, o mesmo João Govern lançava a dúvida sobre se o Bruno César não teria tido um «aproveitamento lírico-dramático» no lance do penálti; o atropelo do Elderson ao Bruno César, para quem não viu, teria sido o suficiente para derrubar o próprio João Govern com facilidade, isto para dar a dimensão certa ao disparate que é este comentário. Mas não me surpreendo, não é o primeiro - nem o último - caso de

comentadores benfiquistas que, à semelhança do que Pedro Proença faz com especial eficácia na arbitragem, tentam mascarar a sua preferência clubística com este tipo de entradas fora de tempo.

GLORIOSAMENTE ESCRITO POR LOURENÇO CORDEIRO

LINK DO POST | CHUTAR PARA GOLO

10 comentários:

Nuno Gouveia

Está certo que ninguém tem obrigação de saber, muito menos o André Azevedo Alves, que certamente nem se preocupará com os diversos comentadores afectos ao clube dele que por aí andam. Alguns deles que até comentam em sinal aberto jogos da I Liga, conseguindo por vezes defender o indefensável. O crime para o AAA não é o facto do Govern ter um clube, mas sim ser o Benfica. Se o Bruno Prata festejasse um golo do porto, o AAA não escreveria o tal post mesquinho. A menos que ele defenda que os comentadores de futebol sejam todos da Académica ou do Belenenses ou então dessa entidade mítica que são os comentadores que dizem que não tem clube. Mas o João Govern é benfiquista e nunca o escondeu. Eu já o sabia, porque em 2010/11(não me recordo bem) assinou um artigo para revista do Benfica onde falava do seu benfiquismo. Não me parece que isto seja de quem quer esconder o que quer que seja.

deixado em 2/4/12 às 11:28

responder a comentário | discussão

Lourenço Cordeiro

[06]

Resposta de João Govern - Brilhante

• MG • - 23:14

Meus amigos:

Gostava que me dessem a oportunidade de me referir aos acontecimentos desta semana.

Tentarei que seja a última vez até porque, doravante, o assunto só serve para cansar e desgastar. Lá vai...

1. Não me peçam, nem agora nem nunca, que não festeje um golo do Benfica. Faço-o há muitos anos, desde que me reconheço como gente. Já me aconteceu ter que o fazer em campos tidos como adversos – as antigas Antas, o antigo Alvalade. Não festejo contra ninguém, nem me pinto de raiva ou de provocação. Gosto muito do meu clube. Tenho esse direito.

2. Festejei o golo no enquadramento errado. Se não tivesse consciência plena desse deslize, não tinha posto o meu lugar no “Zona Mista” à disposição ainda antes de as campanhas orquestradas chegarem ao seu destino. Ou seja, tenho consciência de que errei. Saber se existiu proporcionalidade entre o meu lapso e a posterior sentença, isso é outra conversa. Tenho a minha opinião (por mais que isso custe aos que viram nessa minha mania uma coisa qualquer chamada “falta de isenção”) mas, com vossa licença, opto por guardá-la.

3. Desafio um adepto de qualquer clube a manter-se quieto depois fechado num estúdio – já a comentar as incidências de um jogo mas sem poder perder as jogadas-chave de outra partida, que terá que comentar de seguida e que se reveste de muito maior importância – diante de um encontro que decide a continuidade nas corridas ao título, emotivo como aquele foi, decidido no último quarto de hora, e com um golo favorável no tempo de compensação. Foi infeliz o gesto? Sim. Foi desajustado? Sim. Foi tudo um

grande azar? Quero continuar a pensar que sim. Mas não posso sequer garantir, para ser sincero, que não voltaria a fazer-me o mesmo, de uma forma espontânea e não premeditada. Por maioria de razão, não foi – insisto – uma provocação a ninguém, muito menos aos adeptos do Sporting de Braga.

4. Quanto à minha “atitude continuada” no programa, digo apenas isto: nunca me limitei nas minhas críticas pelo facto de ser adepto do Benfica. Julgo, inclusivamente, que o condicionamento funcionou ao contrário, obrigando-me a ser mais exigente com o meu clube do que com os outros. Nunca ofendi nenhuma instituição, nunca mencionei sequer a vida privada de dirigentes, técnicos ou jogadores – as críticas foram sempre dirigidas a comportamentos públicos e relacionados com o futebol.

5. Apesar de poder ter ofendido – involuntariamente – alguns telespectadores com o meu gesto, acabei por ser agradavelmente surpreendido com a quantidade de mensagens de apoio que recebi de sportinguistas e portistas, bem como de alguns adeptos do Braga. Agradeço o gesto, que me deixa mais descansado quanto ao meu desempenho no programa. De caminho, e sem querer entrar em discussões académicas, quero deixar bem claro que não acredito na “isenção” ou na “imparcialidade”. Respeito, evidentemente, todos os meus parceiros de ofício que optam por não revelar as suas preferências clubísticas. Eu escolhi outro caminho mas, dentro daquele estúdio de tantos sábados, a única camisola que vesti foi a da RTP. E, se quiserem, a de um combate por um futebol melhor e mais autêntico.

6. Tenho que agradecer aos benfiquistas o apoio demonstrado. Algumas mensagens foram verdadeiramente comoventes, outras muito estimulantes. E, de alguma forma, acaba por ser significativo o facto de elas não virem de gente com responsabilidades

directivas, mas das bases, dos adeptos, dos meus pares. Não esquecerei o aconchego, nesta hora complicada de viver.

7. Agradeço aos meus amigos, a todos os que não conheço, a alguns com quem não falo há mais de vinte anos, à minha família (que se afligiu e a quem recordo que aquilo que não nos mata torna-nos mais fortes), a camaradas de profissão que julgava perdidos no tempo, a jornalistas que mal conheço, a figuras públicas cuja atitude não precisa de ser aqui publicitada, até velhos companheiros destas e outras lides (pelo incómodo que isso lhes possa ter causado não devo deixar de referir o Pedro Ribeiro, o Paulino Coelho, o José Mariño, o Jorge Alexandre Lopes, o Manuel Queiroz, o João Querido Manha, o Nuno Dias, o Leonardo Ralha, o José Carlos Soares, o João Carlos Silva, o Miguel Carvalho, o Rui Baptista, a Maria João Fialho Gouveia, o Luís Miguel Pereira, o José Zambujal, a Lurdes Feio, o José Paulo Fafe, a Raquel Morão Lopes, o Paulo Marcelino – obrigado a todos e mais aqueles de que possa estar a esquecer-me.

8. Ironizando, quase apetece dizer que valeu a pena tudo isto só para ser nomeado numa coluna do José Ferreira Fernandes, a quem fico devedor de mais esta atenção. Como de costume, ele viu o pormenor que escapa aos outros. Como é seu hábito, partiu do ponto para chegar ao todo. Soube-me especialmente bem o propósito guerreiro da Helena Sacadura Cabral e da Maria João Duarte. O meu parceiro, Pedro Rolo Duarte, esse nunca falha. Permitam-me, ainda assim, que saliente uma mensagem simples, “um abraço” só, de um homem com quem nunca falei pessoalmente mas que, se dúvidas houvesse (e eu já não as tinha), se confirmou como aquilo a que os meus avós chamariam “um cara direita” – Nuno Gomes, o (antigo) capitão do Benfica, hoje profissional de mão cheia do Braga.

9. Nesta espécie de despedida, antes de voltar à “vida real”, faço questão de agradecer a dois homens que, pela entrega, pelo profissionalismo, pela boa disposição e por uma quase infinita capacidade de trabalho, caminham para o lugar dos eleitos num mister que não é para todos – o Hugo Gilberto e o Manuel Fernandes Silva. Não há melhor. Quanto ao Bruno Prata, quero afiançar-lhe que, escaramuças à arte, guerrilhas postas de lado, mantenho o que disse na primeira emissão do “Zona Mista”: aprendi com ele. Futebol mas, mais do que isso, lealdade e disponibilidade. Já que não nos deixam ser adversários, lá teremos que ser amigos.

10. Tendo reconhecido o erro, tendo lamentado o sucedido, há uma pessoa que me obriga a ir mais longe. Por ter apostado em mim quando nada o obrigava, por me ter brindado com este desafio e porque o capítulo final é tão murcho, resta-me pedir desculpas ao meu amigo Carlos Daniel. Garantindo-lhe que há casos em que a memória funciona mesmo.

11. Aos que escolheram o insulto, a insinuação, a mentira, a queixinha – já conseguiram o que queriam. Agora, por favor, vão marrar para outro lado, que eu, felizmente, tenho mais que fazer.

12. Gostaria, se me permitem esse desejo, que fossem desactivados os grupos de apoio e as petições em que eu esteja envolvido, mesmo indirectamente. Esta terra tem problemas sérios demais para que se gaste tanta energia, tanta disponibilidade e tanto tempo com questões que são verdadeiramente acessórias.

13. Num país onde os lapsos andam à solta, onde se mente impunemente, onde se rouba sem consequências, onde se abusa dos mais fracos, onde se lançam cortinas de fumo para que as pessoas se esqueçam dos seus problemas, posso dizer que, ao menos no meu

caso, a culpa não morre solteira. Azar meu: foi justamente agora que ela, a culpa, decidiu casar-se e ser monogâmica.

14. Obrigado, ainda uma vez. Até um dia destes. Boa Páscoa. Espero as amêndoas só na segunda-feira.

João Govern, in facebook

Partilhe este artigo!

ARTIGOS RECOMENDADOS

Bruno Prata - INTERNAMENTO Urgente!

Que raio de país é este?!

Govern e o fanático Guedes!

Deixe o seu comentário

19 COMENTÁRIOS NO BLOGGER

Anónimo6 de abril de 2012 às 23:28

Caro amigo, devo criticar-te: DEVIAS TER LEVANTADO OS DOIS BRAÇOS!

Daniel Catalão

Responder

Anónimo6 de abril de 2012 às 23:38

Defendi o João Govern no momento em que esta situação foi despoletada e sinceramente que fiquei muito triste por o ver sair de um programa onde tinha comentários isentos e relevantes para o Desporto nacional. Gostaria de recordar que João Govern, na análise que fez ao jogo com o Braga, disse com toda a frontalidade que tinha sido um grande jogo e que o Braga merecia o empate. Um benfiquista como ele ao fazer este elogio ao Braga, é de um homem sério e honesto e de uma imparcialidade única."A Zona Mista" para mim acabou, o João era o elo mais

importante do programa pelas suas considerações justas e oportunas e, de facto, vestiu sempre a "camisola" da RTP. É um Jornalista inteligente e um grande profissional da nossa comunicação social, vai fazer falta nos comentários sobre o futebol e sobre a política nacional e internacional. Um abraço ao João Govern e obrigado pelas sábias análises que só ele sabe fazer.

Responder

Anónimo6 de abril de 2012 às 23:54

Vamos deixá-los morrer à fome , não precisamos desta merda da RTP N (Porto) da sic da TVI 24 Sejam os BENFICA TV Força PORTUGAL é N Nosso

Responder

Abelourinha7 de abril de 2012 às 00:05

Grande João Govern até no final do Post ponto 12, revela a sua enorme personalidade, continuo a ouvi-lo na Antena 1 todas as manhãs em "Cortar a Direito" aprendemos sempre com ele sobre vários temas da actualidade nas suas oportunas crónicas sobre a Vida.

Cumpts.

Responder

CarlMoreira7 de abril de 2012 às 00:21

Grande João Govern, o importante é poder continuar a ouvir-te a cortar a direito todas as manhãs na antena1.

Um abraço

Responder

Anónimo7 de abril de 2012 às 00:22

Tito escreveu: "Esta síntese é de uma qualidade e categoria só ao alcance de profissionais como o João Govern. De facto a sua narração evidencia a "podridão" que passa em silêncio por este país de "chicos espertos" e de "sacaninhas" que fazem da hipocrisia a sua bandeira para singrarem na vida. São homens de H grande como ele que fazem falta neste país, dizer a verdade e manifestar as suas opções clubistas sem medo, neste país de "malfeitores", dá direito a despedimento sem justa causa, o que não foi o caso porque foi o próprio João Govern, na sua honestidade intelectual, que pôs o lugar à disposição. Para ele um grande abraço de solidariedade e até sempre!"

Responder

CarlMoreira 7 de abril de 2012 às 00:27

Grande João Govern, o importante é poder continuar a ouvir-te a cortar a direito todas as manhãs na antena1.

Um abraço

Responder

Bruno Costa 7 de abril de 2012 às 00:32

Clara falta de profissionalismo, ainda por cima brincar com os impostos dos Portugueses. Espero que da próxima vez a RTP escolha uma pessoa séria para o lugar.

Responder

Respostas

RTPalermo 7 de abril de 2012 às 01:05

Uma pessoa séria para o lugar????!!

uhmm! deixa lá ver quem...

ah! já sei:

o corrupto-mor, presidente do teu clube. esse é que é sério!

Anónimo8 de abril de 2012 às 00:20

ridículo, bruno costa, ridículo. Sabes la o que é ser serio.

Responder

Anónimo7 de abril de 2012 às 00:57

"...Aos que escolheram o insulto, a insinuação, a mentira, a queixinha – já conseguiram o que queriam...."

Caro João Gobert, neste do mundo do futebol nacional, tenho observado que infelizmente não podemos ser mansos, sob pena de a mentira e a desonestidade ganhar sempre. Aplaudo a sua honestidade intelectual mas, falando verdadeiramente, na realidade quem o ataca não tem isso em conta. O mundo do futebol português é composto e dominado por canalhas e por gente de poucas virtudes que e está nas tintas para isso.

Abraço sincero

Jorge Silva

Responder

BENFIQUISTA de Braga7 de abril de 2012 às 01:18

foi grande o João, foi honesto, reconheceu que errou mas nao deixou de dizer que há muito a gente que Esconde o seu clube para poder falar a vontade e sem necessitar disfarçar a sua parcialidade...

um abraço

Responder

mrmg7 de abril de 2012 às 10:37

Revejo o comentário de Govern...

Ok, ele escreve o que quer.

"assunto só serve para cansar e desgastar"

"Tenho a minha opinião ... mas... opto por guardá-la"

Faltou um "a culpa não morre solteira".

Era neste momento que Govern deveria ter erguido a foice e zás... Iría saír sangue?

Sim... e depois?

De que valem hipotéticas verdades se a coragem de peito cheio é apenas um mero balãozinho de oxigénio? Saíu um peido mas não um peido mestre.

Govern! Os benfiquistas serão as tuas costas quentes. Deixa-te de rodeios pá! Foi-te armada uma cilada, está na hora de avançares com nomes. Está na hora de a seara ser cortada e tu tens uma bela foice, aproveita-a.

Responder

Anónimo7 de abril de 2012 às 10:53

Forçaaaaaaaaaaaa João !

Quem perde é a rtpalermo .

Responder

Tiago7 de abril de 2012 às 11:56

confesso que não ouvia o programa "Pano para mangas" do João Govern na Antena 1 porque felizmente posso me levantar um pouco mais tarde. mas como há net vou passar a ouvir em podcast. é o meu protesto. dar relevo e importância a quem a tem e não a quem tem bons compadrios ;)

Responder

Fehér 297 de abril de 2012 às 13:33

Quero o govern na Benfica tv!!!!

Responder

João7 de abril de 2012 às 21:32

Caro amigo João Govern, vemos atitudes mais deploráveis noutros debates de futebol, basta ver o dia seguinte, aquilo é das maiores palhaçadas que existem. Tiveste azar em seres apanhado pelas câmaras. Queria ver se fosse o "pseudo-vocalista" dos Blind Zero em igual situação se acontecia o mesmo? Abafavam e td seguia.

Não liguês a provocações de anti-benfiquistas, pois os que te julgam, são os que te avaliam por esse "episódio", e nunca ouviram o programa em que participavas. "Vozes de burro não chegam ao céu".

Boa sorte na tua vida pessoal e profissional.

Um abraço

VIVA O BENFICA!!!

Responder

Conde de Vimioso8 de abril de 2012 às 00:02

É impressão minha ou há uma indirecta do Govern ao Carlos Daniel, mais um Benfiquista envergonhado, responsável pela rtp-palermo e que vergonhosamente o deixou cair.

Já via pouco essa merda desse canal mas para mim já está out.

Já faltou mais para a o clube corrupto e a escumalha afeta levarem um valente pontapé no traseiro.

Responder

Anónimo20 de abril de 2012 às 20:45

QUERO O JOÃO GOVERN COMO DIRECTOR DE COMUNICAÇÃO DO SLB!!!!!!

Tiago Teixeira

Responder

Adicionar comentário

Carregar mais...

Anterior

Seguinte

[07]

Reflexão Portista

QUARTA-FEIRA, 11 DE ABRIL DE 2012

Os amigos de Carlos Daniel

“Quando fui convidado para fazer o Zona Mista, as pessoas que me contactaram sabiam qual a minha tendência clubística”

João Govern, PUBLICO, 04/04/2012

«Não me peçam, nem agora nem nunca, que não festeje um golo do Benfica. Faço-o há muitos anos, desde que me reconheço como gente. (...)

Festejei o golo no enquadramento errado. Se não tivesse consciência plena desse deslize, não tinha posto o meu lugar no “Zona Mista” à disposição ainda antes de as campanhas orquestradas chegarem ao seu destino. Ou seja, tenho consciência de que errei. (...)

Foi infeliz o gesto? Sim. Foi desajustado? Sim. Foi tudo um grande azar? Quero continuar a pensar que sim. Mas não posso sequer garantir, para ser sincero, que não voltaria a fazer-me o mesmo, de uma forma espontânea e não premeditada. (...)

Tendo reconhecido o erro, tendo lamentado o sucedido, há uma pessoa que me obriga a ir mais longe. Por ter apostado em mim quando nada o obrigava, por me ter brindado com este desafio e porque o capítulo final é tão murcho, resta-me pedir desculpas ao meu amigo Carlos Daniel. Garantindo-lhe que há casos em que a memória funciona mesmo.»

João Govern, Facebook, 07/04/2012

Eu já suspeitava que o convite feito ao João Govern, para ser comentador na RTP, tinha partido do benfiquista mais famoso de Paredes, mas nada como ser o próprio Govern a confirmá-lo.

Aliás, não me custa a acreditar que também tenha sido ideia de Carlos Daniel, o convite para um dos árbitros preferidos de Luís Filipe Vieira (Paulo Paraty) passar a ser comentador de arbitragens na RTP.

Evidentemente, o Carlos Daniel tem todo o direito de ser benfiquista e de ter pertencido ao núcleo inicial que fundou a casa do slb de Paredes, mas ao jornalista da RTP, com responsabilidades na RTP Porto e que já pertenceu à Direcção de Informação da RTP, pede-se alguma contenção.

Ora, até para defesa do próprio e da sua imagem, Carlos Daniel deveria evitar qualquer envolvimento em convites de amigos seus benfiquistas para a RTP (já nem falo nos almoços com o treinador do slb no restaurante do conhecido Barbas). Até porque, convém não esquecer um “pequeno pormenor”: a RTP ainda é uma empresa do Estado (paga por todos os contribuintes!) a qual, supostamente, presta um serviço público.

P.S. Quando o Carlos Daniel despe a camisola do slb e tira os óculos encarnados, eu até gosto de ouvir as análises e comentários que faz aos jogos de futebol. É pena fazê-lo poucas vezes.

Nota: Os destaques no texto a negrito são da minha responsabilidade.

Partilhar |

Publicada por José Correia à(s) 16:00

Etiquetas: Bruno Prata, Carlos Daniel, João Govern, RTP

15 comentários:

Bacalhau_com_belgas11 de abril de 2012 às 17:36

Caro José Correia, acalme-se homem. Você ultimamente não fala de outra coisa. O campeonato já está encaminhado, vocês até conseguiram ser os menos medíocres de todos no final de contas. Respire fundo, não arranje para aí uma úlcera nervosa...

Responder

Silver(io)11 de abril de 2012 às 17:49

P.S. Quando o Carlos Daniel despe a camisola do slb e tira os óculos encarnados, eu até gosto de ouvir as análises e comentários que faz aos jogos de futebol. É pena fazê-lo poucas vezes....

Só que quando desce a camisola vermelha veste a anti-Porto..

Fora com esse canalha da tv de todos nós..ainda hoje ao almoço deu mais uma prova do mais canhestro faciosismo

Responder

JCCJCC11 de abril de 2012 às 18:46

Está mais que visto que o Benfica domina na comunicação social.

Até os blogs supostamente do Porto estão povoados de Benfiquistas a julgar pela quantidade de posts que fazem sobre um clube que nos últimos 17 anos ganhou 2 miseros campeonatos...

Responder

Daniel Gonçalves11 de abril de 2012 às 22:03

Não se pode colocar um post com senso e sentido crítico, como este do José Correia, sobre as incoerências do benfiquismo e as vastas artimanhas usadas pelos seus caudilhos, que aparecem logo os "Polícias do Pensamento" benfiquistas prontos a

acusar os outros de estarem sempre a falar do clube deles, como se tal fosse um crime ou sinal de obcecção dos portistas. Ora existe uma explicação racional, e portanto fundamentada, para posts como este do José Correia: não existisse um monopólio e posição privilegiada - mas na maioria dos casos ilegítima porque causadora de distorção, parcialismo e intolerância para com os outros adversários - dos benfiquistas nos meios de comunicação social e não seria necessários posts a denunciar tal situação.

Úlcera nervosa parece-me que possuem a maioria dos benfiquistas, como o Bacalhau com Belgas, por verem o FC Porto a ganhar.

Responder

Daniel Gonçalves11 de abril de 2012 às 22:14

A presença do Carlos Daniel no canal público, RTP, assemelha-se muito a um coute feudal, em que ele possui uma posição privilegiada podendo colocar os seus "vassalos" (tipo Govern) a participar num programa; em compensação ele (Carlos Daniel) recebe do "vassalo" uma recompensa, ou seja, a defesa fanática da causa. Por seu lado C. Daniel é "vassalo" de outro "suserano" superior (um político????) que protege aquele, na condição de o vassalo fornecer um bom préstimo na televisão, e após C. Daniel ter feito um voto de fidelidade.

Responder

InVicturioso12 de abril de 2012 às 09:25

Acho estranho que se aceitem comentários como do Bacalhau com belgas neste blog. Não é o facto de ser benfiquista que me incomoda, acho aliás muito bem que o benfiquistas visitem este blog pois pode ser que aprendam a razão da sua mediocridade.

O que incomoda é o comentário ser totalmente "vazio" de conteúdo tendo apenas como finalidade "largar" um pouco de veneno a ver se cola...

Enfim, espero que ele próprio se aperceba o quão ridículo este tipo de comentários é e para próxima tente trazer alguma coisa de útil à discussão.

Responder

Danilo Oliveira 12 de abril de 2012 às 11:18

Sendo Benfiquista quero deixar dois reparos ao artigo.

1. Se foi Carlos Daniel que convidou Govern, sendo o mentor do programa Zona Mista, quem convidou o "portista" João Prata? Não terá sido o mesmo Carlos Daniel?

2. A respeito de contenção "clubista", se há alguém que a tem, esse alguém é Carlos Daniel. Aliás a melhor prova disto é a sua fantástica moderação do programa Trio de Ataque com Rui Moreira, Antonio Pedro Vasconcelos e Jorge Gabriel. Em momento algum deixou transparecer a sua cor clubística nesse programa.

Finalmente, podia aqui recordar outro nome da RTP, que já não faz parte dos quadros pois mudou-se para a torre das Antas. Rui Cerqueira. Esse mesmo, que agora se dedica à agressão de antigos colegas.

Se há adeptos benfiquistas absolutamente incapazes de lidar com o cargo de jornalista (que os há) Carlos Daniel, não é de todo um desses casos.

Responder

Obscure 12 de abril de 2012 às 11:48

Querem queimar um comentador, queimem o Bruno Prata, já não posso com aquelas falhas vocais constantes, o não saber respirar a frente das camaras enquanto fala, é irritante e inadmissível, ele que vá gaguejar para outro sitio. Agora não queimem o melhor comentador de desporto dos nossos canais públicos tenha ele a cor clubística

que tenha. Outro que podiam queimar era o tóto do Trio de Ataque do SCP, pagar mentecaptos é que não.

Responder

André12 de abril de 2012 às 11:54

Uma pequena correcção.

Não é "João Prata" o jornalista em causa é o Bruno Prata..e é sportinguista. O mero facto de não saber qual é a preferência clubística do Bruno Prata só prova a sua isenção e profissionalismo e o flagrante contraste com o João Govern.

Quanto à "fantástica moderação" do Carlos Daniel remeto-o para as declarações do Rui moreira, é só fazer uma busca no google. O fantástico moderado na noite do SLB FCP afirmou com todo odescaramento que o penalty do Cardoso era um pequeno pormenor enquanto o golo do Maicon em fora de jogo era muito grave, aliás bem secundado pelo recordista de descidas de divisão num ano, o ressabiado Luis Campos.

O Rui Cerqueira é portista, mas não era um dos responsáveis do canal e nunca foi comentador ou moderador nos programas de debate futebolístico, é comparar o incomparável.

Responder

José Correia12 de abril de 2012 às 13:48

Blogger Bacalhau_com_belgas disse...

Caro José Correia, acalme-se homem. Você ultimamente não fala de outra coisa.

Eu estou calmissimo e, por mais que isso incomode adeptos do meu ou de outros clubes, irei continuar a falar daquilo que me apetecer (relacionado com o FC Porto, os seus adversários ou o futebol em geral), porque foi para isso que criei e sou um dos cofundadores do 'Reflexão Portista'.

De resto, era só o que faltava que eu não pudesse falar e chamar à atenção para determinado tipo de posicionamentos e comportamentos que me parecem pouco corretos quando, ainda por cima, estamos a falar de pessoas que trabalham em empresas públicas (como é o caso da RTP).

Responder

José Correia12 de abril de 2012 às 13:49

Blogger Danilo Oliveira disse...

Se foi Carlos Daniel que convidou Govern, sendo o mentor do programa Zona Mista, quem convidou o "portista" João Prata? Não terá sido o mesmo Carlos Daniel?

Não sei se o Bruno Prata é portista (há quem o conheça pessoalmente e garanta que ele é sportinguista) mas, por acaso, já o viu da cachecol do FC Porto ao pescoço ou, durante um programa televisivo, a festejar um golo dos dragões em direto?

Responder

José Correia12 de abril de 2012 às 13:51

Blogger Danilo Oliveira disse...

A respeito de contenção "clubista", se há alguém que a tem, esse alguém é Carlos Daniel.

Se, por acaso, estivéssemos obcecados em falar na falta de isenção clubística do Carlos Daniel, teríamos de publicar um artigo por semana.

Mas, se quiser consultar alguns exemplos, clique na Tag 'Carlos Daniel' e poderá ler uns artigos que publicamos neste blogue e onde são referidos casos concretos.

Responder

José Correia12 de abril de 2012 às 13:55

Danilo Oliveira disse...

Aliás a melhor prova disto é a sua fantástica moderação do programa Trio de Ataque com Rui Moreira, Antonio Pedro Vasconcelos e Jorge Gabriel. Em momento algum deixou transparecer a sua cor clubística nesse programa.

Só por piada se pode escrever uma coisa destas.

E, se bem me lembro, após sair do programa Trio de Ataque, o próprio Rui Moreira fez alguns comentários públicos acerca da “isenção” do Carlos Daniel.

Responder

José Correia 12 de abril de 2012 às 13:59

Extractos de uma entrevista de Rui Moreira publicada no DN (13 de Novembro de 2010):

DN: Que dividendos e custos resultaram da participação no programa [Trio d'Ataque]?

Rui Moreira: No início deu-me prazer. Tratava-se de uma tertúlia entre pessoas independentes, sem ligação oficial aos clubes e penso que foi isso que deu tanta visibilidade ao programa de canal invisível. Há um momento em que o António-Pedro Vasconcelos (APV) chegou mesmo a dizer que Vieira não era benfiquista - fui eu que defendi o presidente do Benfica. Nessa fase, APV promoveu a candidatura do Moniz, ligou-se depois ao candidato Bruno Carvalho e, como consequência, sofreu uma enorme pressão. Resultado, converteu-se. Perdeu a liberdade e isso alterou as regras do jogo: eu estava lá para defender as minhas ideias; ele para defender a versão oficial. A partir daí o debate teria de resvalar.

DN: Ficou desapontado e zangado?

RM: Nem uma coisa nem outra. Saí de consciência tranquila, por ter defendido os princípios em que acredito, a propósito de uma pessoa que muito admiro. Aquele já não era o Trio d'Ataque para que fui convidado. Era um programa em que havia um representante do Benfica e em que eu só me representava a mim.

DN: Não combinavam os temas?

RM: Nunca falávamos antes do programa e por isso fui apanhado de surpresa. Nunca ninguém me ouviu dizer que um treinador tem cara bovina, nunca ofendi ninguém. Carlos Daniel é um dos grandes responsáveis porque, mesmo já não sendo o moderador, quis sempre continuar a mandar no programa. A direcção também agiu de forma miserável. Tratou mal o actual moderador que bem chamou a atenção para a ilegalidade de se revelar o conteúdo das escutas.

DN: Nunca mais falou com APV?

RM: Não.

DN: Nem vai falar?

RM: Não sei. Tenho falado com o Rui Oliveira e Costa. Recentemente jantou em minha casa e até fui eu que o levei ao estúdio.

Responder

Jman12 de abril de 2012 às 16:02

Para que conste e não restem dúvidas: o jornalista Bruno Prata é sportinguista.

Não foi um amigo de um primo que conhece alguém na RTP ou no Público, foi o próprio Bruno Prata que, num programa horripilante do José Carlos Malato (num daqueles concursos, suponho que no Milionário Alta pressão, quando convidava concorrentes que eram figuras públicas em sessões especiais) que o disse pela própria boca, instado a pronunciar-se por uma pergunta do também lagarto Malato.

Mas mesmo que fosse portista (é o exercício de uma impossibilidade, mas prossigamos) nunca revelou o descaramento, a desfaçatez e a sem-vergonha desse Govern pago com

dinheiros públicos quando se defrontavam 2 equipas portuguesas, ou já houve secessão na linha do Mondego?

Mais, sendo o editor-chefe da secção de desporto do Público, Prata deixa muito a desejar, dos generalistas é o mais próximo das linhas editoriais de A Bola e do Record.

Ler notícias de desporto no Público induz-me, quase sempre, à náusea imediata... E é aquele um jornal da Sonae.

Saudações portistas,

João

Responder

Adicionar comentário

NESTE ANEXO - Caso JOÃO GOVERN -

observaram-se os seguintes itens fontes de informação / opinião :

[01] jornal PUBLICO. Jornal generalista e por vezes designado *de referencia*. Suposto ser independente, objectivo e imparcial.

[02] bJornal Diario de Noticias. Jornal generalista e por vezes designado *de referencia*.

[03] Jornal CM Correio da Manhã. Jornal generalista por vezes feito equivaler aos gabolices britânicos (vale o que vale o arbítrio da alusão / insinuação).

[04]. Blogue adepto Benfiquista. Parcial, na *lógica adepta*.

[05] Blogue Adepto Benfiquista. Parcial, na *lógica adepta*.

[06]. "Pagina Pessoal" FaceBook.. Resposta de João Govern. Parcial, na *lógica adepta*

[07] Blogue Adepto Portista. Parcial, na *lógica adepta*.

ANEXO 12

Caso SAGRES – RUI PATRÍCIO

- Caso Sagres – Rui Patrício

CASO

SAGRES - RUI PATRÍCIO

[01]. Observador

Sagres. Picante a mais no “frango” Rui Patrício?

16/2/2015, 15:34 1.130 PARTILHAS

Rui Patrício errou duas vezes contra o Belenenses e a Sagres aproveitou para brincar com o guarda-redes num vídeo animado do jogo. Marca já retirou vídeo e explicou que nunca quis ofender ninguém.

Imagem retirada do vídeo da campanha no YouTube

Autor

Hugo Tavares da Silva TabarezH Email

Tópicos

SPORTINGCAMPANHAVÍDEOPUBLICIDADE SAGRES RUI

PATRÍCIOFRANGO

A Sagres deu asas à imaginação e cozinhou um vídeo inspirado no Belenenses-Sporting (1-1) da mais recente jornada da Primeira Liga. Entre remates de Montero contra um muro, um canhão disparado e um tempinho livre para umas selfies ao intervalo, a marca de cerveja fez uma brincadeira e

comparou Rui Patrício a um frango. Primeiro, quando o guarda-redes do Sporting largou a bola e quase ofereceu o primeiro golo à equipa caseira, veem-se umas mãos a temperar um frango. Depois, aquando do golo de Rui Fonte, em que Rui Patrício ficou (muito) mal na fotografia, vê-se o frango finalmente servido, com um ponto de exclamação que assinala o entusiasmo.